

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PRODUÇÃO CULTURAL

THAYNARA DA SILVA TEIXEIRA

**ROUPA DE MULHER: IDENTIDADE FEMININA E A REVOLUÇÃO
SILENCIOSA DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX**

Niterói - RJ

2019

THAYNARA DA SILVA TEIXEIRA

**ROUPA DE MULHER: IDENTIDADE FEMININA E A REVOLUÇÃO SILENCIOSA
DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF
como requisito básico para a conclusão do
Curso de Produção Cultural.**

**Orientadora:
Professora Doutora Flávia Lages**

Niterói - RJ
2019

THAYNARA DA SILVA TEIXEIRA

**ROUPA DE MULHER: IDENTIDADE FEMININA E A REVOLUÇÃO SILENCIOSA
DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF
como requisito básico para a conclusão do
Curso de Produção Cultural.**

Aprovada em 28 de Junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Flávia Lages - UFF
Orientadora

Professora Lilian Michelli Giovanelli da Costa - UFF

Professora Joice Scavone Costa - UFF

Niterói
2019

Dedico este trabalho à minha família e amigos por todo o suporte e apoio oferecido a mim por todos esses anos. Sem sua ajuda não seria possível concluir esta graduação.

Obrigada por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Rouselene e João. Sem eles e seu apoio eu não teria conseguido realizar este curso nem outras coisas que realizei na vida. Obrigada pelo carinho, ajuda e todo apoio que me deram ao longo da vida.

Agradeço à minha irmã Tamara e ao meu cunhado João pelos conselhos, ajuda e por terem sempre mostrado que estavam presentes para qualquer coisa que eu precisasse.

Gostaria também de agradecer às professoras Flávia Lages, Michelli Giovanelli e Joice Scavone pelo apoio ao longo da faculdade, pela confiança, pela compreensão e pela ajuda que me forneceram durante a graduação de diversas formas.

Também quero agradecer à minha supervisora de estágio Lívia Simas pelo apoio, carinho, incentivo e por ter me ensinado tanto sobre a profissão e por ter acreditado em mim quando eu mesma duvidava. Obrigada. Aproveito também para agradecer à meus colegas de trabalho da Baluarte Cultura pelo incentivo e por terem torcido por mim enquanto escrevia este trabalho.

À minha turma 2015.1. Melhor turma de faculdade possível e pessoas que me apoiaram de tantas formas nesta graduação que eu não tenho palavras para agradecer.

Finalmente, aos meus amigos – vocês sabem quem são – e meu namorado por terem revisado várias vezes esta monografia junto comigo, por terem me acalmado diversas vezes, por terem me oferecido ajuda em diversas situações, por entenderem minha ausência em certas ocasiões. Obrigada por terem ido na minha casa sempre que eu precisava de carinho. Eu amo vocês.

RESUMO

Este trabalho apresenta de que forma a moda acompanhou os processos de construção de identidade feminina entre o século XIX e o início do século XX na Europa, pois foi durante este período que a mulher iniciou um processo de maior independência da figura masculina nos âmbitos social, político e econômico. Este trabalho irá mostrar de que forma a moda acompanhou este caminho trilhado pela mulher da época e serviu como uma revolução de base para que a mulher buscasse maior liberdade. Aqui, será possível ver não apenas a mudança vista na indumentária deste período, mas também quais foram as mudanças e grupos sociais formados por mulheres da época que tornaram de grande importância a necessidade de uma reforma na moda feminina.

Palavras chave: moda, mulher, identidade

ABSTRACT

This work presents the way that fashion followed the process of feminine identity construction between the XIX century and the beginning of the XX century in Europe, because it was at this time that women began a process of major independency of men's figure at the scopes of social, politics and economic. This work will show how fashion followed this road the women of time took and became a basic revolution for the women to seek more freedom. Here, it will be possible to see not only the changes towards clothes that time but also to see wich changes and wich social groups created by women that time that become of huge importance and necessity a change in women fashion.

Key words: fashion, women, identity

Lista de ilustrações

Fotografia 1: Manequim usa vestido chemisier inglês durante período neoclássico que se originou na França. Data entre 1805 e 1810	31
Fotografia 2: Ilustração de 1884 exemplificando a maneira como o espartilho alterava a distribuição dos órgãos no corpo	33
Fotografia 3: Pintura de óleo sobre tela do alemão Franz Xaver Winterhalter da Imperatriz Eugénie (Condessa de Teba) usando vestido confeccionado por Charles Frederick Worth em 1854	34
Fotografia 4: Mulher aguarda auxílio para se vestir utilizando crinolina.....	35
Fotografia 5: Mulher vestindo terno bloomer próxima à uma bicicleta	37
Fotografia 6: Veronica Veronese é uma pintura de 1872 de Dante Gabriel Rossetti tendo Alexa Wildig como modelo. A pintura mostra um modelo de vestimenta defendida pela Irmandade Pré-Rafaelita	38
Fotografia 7: Vestido de veludo de seda verde escuro, confeccionado para chás de fim de tarde por E.W. Godwin, que não necessitava do uso de espartilho	39
Fotografia 8: Mulheres do movimento sufragista europeu em marcha pelo direito de voto	40
Fotografia 9: Mulher usando o shirtwaist, popularizado na década de 1890 ..	41
Fotografia 10: Ilustração do espartilho “eduardiano” em 1903, como era chamado o espartilho da Belle Époque na Inglaterra	43
Fotografia 11: Manequim usa vestido de gala criado por Jacques Doucet em 1902 na França. O vestido faz parte do acervo do The Metropolitan Museum of Art dedicado ao estilista.....	44
Fotografia 12: Manequim usa vestido criado por Lady Duff-Gordon na Inglaterra em 1914.....	45
Fotografia 13: Manequim usa vestido de duas peças confeccionado por Lady Duff Gordon, dona da maison Lucile (Inglaterra, 1905)	51
Fotografia 14: Manequim usa vestido de cetim confeccionado por Lady Duff Gordon em 1913 (Inglaterra)	52

Fotografia 15: Manequim veste peças confeccionadas pela Maison Lucile em 1915, na Inglaterra. A peça mostra grande influência do militarismo da Primeira Guerra Mundial.....	53
Fotografia 16: Coco Chanel usando um chapéu confeccionado por ela mesma em 1912.....	56
Fotografia 17: Manequim usa o primeiro modelo de 'little black dress', criado por Chanel nos anos 20.....	58
Fotografia 18: Manequim veste terno de 2 peças. Exemplo clássico de como Coco Chanel buscava o equilíbrio entre conforto, praticidade, belo e feminino	59
Fotografia 19: Manequim usa tailleur confeccionado por Chanel de 1954 , ano que a estilista reabriu suas maisons	60

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO 1 - A MULHER NO SÉCULO XIX: COMO OS MODELOS DE GÊNERO E A SUPREMACIA DO HOMEM INFLUENCIARAM NA IDENTIDADE DA MULHER	14
1.1 A MULHER E O QUE ERA ENTENDIDO POR GÊNERO NO SÉCULO XIX NA EUROPA	14
1.2 A MULHER E SEU PAPEL ECONÔMICO E SOCIAL	19
1.3 A MULHER E A POLÍTICA NA EUROPA NO SÉCULO XIX	24
2. CAPÍTULO 2 - A MODA FEMININA NO SÉCULO XIX: COMO A REFORMA DA INDUMENTÁRIA SE TORNOU FERRAMENTA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER	30
2.1 A INDUMENTÁRIA E A MULHER DO SÉCULO XIX	31
2.2 A INDUMENTÁRIA E COMO ELA SE MOLDOU ÀS MUDANÇAS DO PAPEL DA MULHER DO SÉCULO XIX	35
2.3 A BELLE ÉPOQUE E A INDUMENTÁRIA FEMININA EM BUSCA DE LIBERDADE	42
3. CAPÍTULO 3 - LADY DUFF-GORDON, COCO CHANEL E FEMINILIDADE: COMO AS ESTILISTAS REVOLUCIONARAM O QUE ERA ENTENDIDO POR INDUMENTÁRIA FEMININA.....	47
3.1 “LUCILE”: O PRIMEIRO IMPÉRIO UNIVERSAL DE ROUPA FEMININA, SEU IMPACTO NA MODA E A GRANDE MULHER POR TRÁS DA MARCA	48
3.2 “CHANEL”: A ESTILISTA FRANCESA QUE DEU NOVO SENTIDO AO QUE ERA ENTENDIDO POR FEMINILIDADE	55
CONCLUSÃO	62
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

INTRODUÇÃO

Períodos históricos que datam desde antes do início do século XX, tem a moda apenas como uma divisão de classes, uma mostra de poder. As mulheres que se vestiam com mais adornos eram aquelas que possuíam maior poder aquisitivo - no entanto, quem possuía o controle desse status financeiro eram seus maridos ou famílias. A roupa, nada mais era do que uma afirmação de classe social, domínio de terras. Nunca pensando no conforto de quem a usava.

A Belle Époque e o período que a antecedeu no continente europeu - que ocorreu pouco antes da virada entre os séculos XIX e XX -, pode ter sido o momento que deu início à mudança da vestimenta da mulher. Fatores políticos, sociais e econômicos influenciaram e levaram à este momento. Mas o principal fator, foi que a mulher europeia finalmente começava a se levantar e buscava reclamar os seus direitos de igualdade.

O primeiro movimento feminista, o sufragismo - que teve seu início em torno de 1967 - foi um movimento político e social formado por mulheres que lutavam pelo seu direito à voto. Direito este que lhes era negado e apenas concedido à homens brancos. O motivo principal da busca da mulher por este direito, foi também uma das formas pelas quais elas buscavam sua identidade social e lutavam pela tão merecida igualdade.

Marcado por revoluções sociais, políticas, econômicas e trabalhistas, o século XIX gerou mudanças também no que se entendia por gênero até então. Vistas como iguais, porém inferiores aos homens nos séculos anteriores, as mulheres agora se veem em um momento histórico no qual a sociedade passa a vê-las de forma separada da figura do homem. Gerando uma segregação ainda maior e causando uma imposição ainda mais clara da supremacia masculina sobre a mulher.

Neste período as alterações que aconteceram no campo da moda durante a era vitoriana - quando a Inglaterra era governada pela Rainha Victoria - na Europa, serviram, não como linha de frente da busca da mulher por sua identidade social, mas sim, de forma menos impositiva e mais simbólica. A moda buscava seu lugar na revolução quando alguns estilistas ou pensadores da moda buscavam atender aos pedidos de socorro das mulheres que buscavam pela igualdade.

Por um breve período que precedeu a Belle Époque, a moda para a mulher tinha se fundamentado no *shirtwaist*. Peça de modelagem masculinizada que deixavam a marcação da silhueta no passado e os tecidos possuíam mais fluidez e eram mais leves. Porém, ao início desta nova era a Europa se encontrava num período de paz e crescimento econômico de extremo nível. Esse período então intitulado Bela Époque, era claramente visto pela indumentária - principalmente a feminina -, que novamente tinha silhueta marcada, com espartilhos que exprimiam o corpo da mulher em circunferências minúsculas. A indumentária voltava à prender a mulher às amarras de um espartilho e sua objetificação. Isso era considerado a recuperação da feminilidade. Porém, a que custo?

A busca pela feminilidade com o uso do espartilho resultava, muitas vezes, em mortes prematuras por complicações médicas. O sistema musculoesquelético da mulher sofria as consequências do desejo de uma cintura fina e causava o deslocamento dos quadris das mesmas. Mas isso não foi o suficiente para que a busca de uma identidade da mulher através da finura da silhueta continuasse. Entretanto, este era o desejo e visão do que era belo e feminino pelo ponto de vista dos estilistas - geralmente homens - da época.

As mulheres eram encorajadas a se vestir de forma que fossem atrair a atenção de homens - mas de forma não explícita para não serem mal vistas -, enquanto seus irmãos, pais e até mesmo maridos possuíam independência, o trabalho da mulher era permanecer em casa, cuidar dos filhos e atender as vontades do marido. Encorajadas desde muito jovens a buscar casamento e satisfação dos outros. Nunca a auto-satisfação. A mulher não se pertencia. Ela nunca se pertenceu. Limitada de formas políticas e sociais, por que a indumentária seria diferente?

Desde 1830, a indumentária da mulher de classe alta dificultava que ela pudesse se locomover de maneiras fluidas e leves. O uso da crinolina e das longas saias nessa época, impediam as mulheres de atuar até mesmo nos negócios de família como costumavam fazer. O conceito de família europeia neste período limitava-se aos seus membros apenas se vendo durante cafés da manhã ou jantares. Pois enquanto o homem estava fora de casa, o emprego da mulher era o

de esposa, mãe ou filha. O conceito do que era ser mulher, era diretamente ligado ao seu papel referente à família, não ao que ela era como indivíduo.

Tendo em vista esses aspectos de sociedade e à incessante busca de identidade da mulher como indivíduo externo à figura masculina, a importância deste estudo atém-se ao fato de que, enquanto a mulher buscava por seus direitos de cidadã, a indumentária passa a ser a forma de externalizar o sentimento tão almejado de igualdade. Estilistas emergentes da época fizeram seus nomes quebrando paradigmas da vestimenta. Tirando as mulheres das amarras de um espartilho oferecendo à elas seus direitos, ainda que de forma parcial, antes que o governo assim o fizesse.

Um dos principais nomes - pelo menos um que é sempre atrelado à sua luta pela mulher através da roupa - é de Gabrielle Bonheur 'Coco' Chanel. A estilista francesa logo quando estava fazendo o seu nome no campo da moda, mostrou que para ser elegante, a mulher não precisaria abrir mão do conforto. Era possível ser feminina e também ser confortável e livre como os homens eram. Ela buscava o equilíbrio através da indumentária sem perder a identidade da mulher. Fazendo com que, através da roupa, a mulher pudesse se expressar e ser ela mesma sem estar presa a amarras ou ser reduzida à um status social ou até mesmo ser reduzida à uma extensão do homem que a acompanha. Feminilidade e prisão não deviam mais ser sinônimos.

Além de ter sido de extrema influência sobre as questões de construção de identidade e individualidade da mulher, moda e cultura tem se aproximado cada vez mais com o decorrer das décadas. O campo da moda é hoje um dos componentes que movem a economia criativa mundial. Apesar de não serem co-dependentes, criatividade e cultura possuem laços em comum. No Brasil, em pesquisa e levantamento realizado pela FGV (Fundação Getúlio Vargas) no ano de 2015, a indústria da Moda, faz parte da lista de segmentos que mais crescem no país, entre outros, gerando empregos e fundos monetários que movimentam a economia brasileira no campo da cultura, que estão inseridos na indústria criativa e em sua economia:

as áreas integrantes das indústrias criativas, destacando o setor artístico e de antiguidades, o artesanato, o mercado editorial, as artes cênicas, o design, os meios audiovisuais, os sistemas de informação, os softwares interativos, a publicidade, a arquitetura e a moda. Ou seja, campos que além de suas técnicas específicas exigem amplo desenvolvimento da capacidade intelectual. (UNESP)¹

Considerando a moda como segmento do campo cultural, e a cultura sendo atributo para a construção de identidade, onde identidade é

O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós” contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (STUART HALL)²

A moda acompanhou todos os passos do liberalismo feminino ou existiu um catalisador para essa necessidade? O que era considerado feminino no que diz respeito à indumentária antes? A indumentária da época condizia com o papel da mulher da época?

Antes de elaborar respostas para essas questões, é necessário compreender o que eram os sexos eram divididos na época. Quando a mulher resolveu dar um basta no patriarcado - contra o qual lutamos desde então - e ir atrás de seus direitos como cidadã independente de uma figura masculina. O século XIX e início do XX foram cruciais para um processo de busca da igualdade que ainda enfrentamos mais de um século depois.

¹ Observatório de Indústrias Criativas. UNESP. Disponível em: <
<http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/projetos/oicriativas/index.php/industrias-criativas/>>
Acesso em: 15 jun. 2018

² HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. DP&A Editora, 1992. p. 10 e 11.

CAPÍTULO 1

A MULHER NO SÉCULO XIX: COMO OS MODELOS DE GÊNERO E A SUPREMACIA DO HOMEM INFLUENCIARAM NA IDENTIDADE DA MULHER

1.1 A mulher e o que era entendido por gênero no século XIX na Europa

No século XIX o conceito de mulher e feminilidade sofreu muitas mudanças. Para buscar entender a forma como a indumentária mostrava essas transformações de forma externa, precisamos entender neste primeiro momento as mudanças sofridas pela mulher como indivíduo. Como ela era tratada? Qual era seu papel social, econômico, político e familiar? Quais eram as limitações impostas à mulher dois séculos atrás? Que liberdade ela tinha?

Por milênios as mulheres ao redor do mundo eram apenas objetos, conquistas de homens, mas foi durante o século XIX que a diferença entre gêneros sofreu alterações. A transição entre o modelo chamado “one-sex” para o chamado de “two-sex”, que ocorreu durante o século, foi um dos fatores que dividiram ainda mais o que se entendia por homem e mulher, e que colocou a mulher em uma posição mais evidente de inferioridade.

Desde o século XVII, as crenças em torno da sexualidade tanto da mulher quanto do homem, eram baseadas em teorias filosóficas e físicas que datam da Grécia Antiga e Roma. Aristóteles³ e Galeno⁴, respectivamente destas regiões, podem ser considerados as principais bases teóricas para esse modelo de gênero usado no século.

Neste modelo de séculos passados, o patriarcado já ficava extremamente evidenciado. Apesar de serem estudiosos diferentes, com ideias e pensamentos

³ Aristóteles nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia, em 384 a.C. e foi um dos três grandes filósofos da Grécia Antiga, tendo convivido e estudado com Platão. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/aristoteles.htm>> Acesso em: 15 abr. 2019

⁴ Cláudio Galeno ou Élio Galeno, em latim Claudius Galenus, nasceu em Pérgamo, no ano de 129 d.C., e, dada a sua proveniência, ficou conhecido como Galeno de Pérgamo. Foi um médico e filósofo romano de origem grega. Disponível em: <http://www.saidadeemergencia.com/files/products/Principes_da_Medicina.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019

diversos, tanto Aristóteles quanto Galeno referiam-se ao corpo da mulher de maneira à mostrá-lo, de certa forma, mais fraco, inferior ao do homem.

O modelo one-sex tinha seu fundamento principal de que tanto os corpos das mulheres quanto dos homens eram iguais em alguns aspectos como era na Grécia Antiga. Porém, a mulher era mais frágil, fraca. Como se o corpo masculino fosse a perfeição e o da mulher fosse uma junção das partes mais frágeis do homem. A mulher não era, então, extremamente diferente do homem, porém, era vista como uma versão imperfeita do sexo oposto.

Algo que era comum nos séculos “one sex” era que uma mulher poderia assumir uma posição de poder sem estar diretamente atrelada ao marido – como seria o caso, por exemplo, como esposa do governante, sem que a própria mulher pudesse governar além do permitido dentro do lar -, no entanto, mesmo em posição de poder, a mulher era vista como menos ‘feminina’.

O período pré-homérico⁵ (2000 a.C - 1200 a.C.), é marcado pela imagem do homem - do gênero masculino - como um deus. Enquanto o homem possuía uma vida pública, comparecia à eventos de prestígio, era temido e tratado de maneira soberana, a mulher permanecia em casa. Ao voltarem de seus trabalhos, o homem era recebido em seu lar com imenso respeito, onde ele se deitava em um sofá confortável enquanto seus criados o serviam, ao mesmo tempo em que sua esposa e filhos, deveriam comer em outro ambiente, jamais junto ao chefe da família. Se o homem não permitisse, a mulher não poderia sair de casa. Nem mesmo à eventos famosos e prestigiados como os Jogos Olímpicos⁶. Ainda assim, acredita-se que na Grécia Antiga o homem apenas tinha os papéis principais na sociedade pois seu corpo era a versão perfeita, uma versão melhor dos corpos femininos.

⁵ É o nome atribuído a uma parte da história da Grécia Antiga, que vai de aproximadamente 2000 a.C. até 1200 a.C. Esse período correspondeu à formação do povo grego, a partir da existência de duas grandes civilizações nas regiões do mundo grego, e pela chegada de diversos outros povos. Disponível em: <<https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-periodo-pre-homerico.htm>> Acesso em: 15 abr. 2019

⁶ Por volta de 2500 a.C., os gregos já faziam homenagens aos deuses, principalmente Zeus, com realização de competições. Porém, foi somente em 776 a.C. que ocorreram pela primeira vez os Jogos Olímpicos, de forma organizada e com participação de atletas de várias cidades-estado. Disponível em: <<http://www.pbclasalle.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/23/1870/50/arquivos/File/historia-das-olimpiadas.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019

Líderes de nações poderosas e em evidência como a Rainha Elizabeth I⁷ - que governou a Irlanda e a Inglaterra de 1558 até sua morte em 1603 -, tinham sua sexualidade questionada pelo fato de terem determinação e poder. Ela causava desconforto na população não só porque era uma mulher no mais alto comando da Inglaterra, mas também por jamais ter se casado. Isso fez com que a Rainha recebesse o título de Rainha Virgem, pois era incomum no seu tempo e em sua posição, uma mulher se abster do casamento.

O casamento real inglês é caso político, tanto assim que no exemplo acima, com a recusa da rainha em se unir em matrimônio, o Arcebispo de Canterbury da época, Matthew Parker⁸, pressionou o Parlamento inglês para exigir uma posição da rainha para ter um herdeiro. Em 1559 quando o Parlamento liberou uma nota pedindo que a rainha tivesse um herdeiro ou vivesse para sempre para que, desta forma, o governo gracioso da família Tudor permanecesse. Como resposta, Elizabeth I respondeu com, o que se tornaria, uma de suas mais famosas citações:

Para satisfazer vocês, eu já me casei com um marido, chamado, o reino da Inglaterra...E será de total satisfação, tanto para a memória do meu nome, e também para minha glória, se no meu túmulo estiver gravado, 'Aqui jaz Elizabeth, que reinou virgem e morreu virgem.'⁹

O poder de Elizabeth não era discutido abertamente, entretanto para justificar tal postura e respeito havia sempre rumores que ela era, na verdade, um homem. Assim como na Grécia Antiga e nas primeiras civilizações, uma mulher forte e poderosa, não poderia ser uma mulher. Afinal, acreditava-se que o corpo feminino era apenas uma versão inferior o masculino.

⁷ Nascida em 7 de setembro de 1533, filha de Henrique VIII (1509 – 1547) e Ana Bolena (1501 – 1539), era a terceira na linha de sucessão, caso seus dois irmãos, Eduardo e Maria, assumissem e não tivessem herdeiros. Reinou por 44 anos e 127 dias, sendo, entre as rainhas inglesas, o terceiro reinado mais longo. Existem inúmeros estudos deste período e o que a torna singular é o epíteto de Rainha Virgem pelo fato, sobretudo, de não ter casado. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503874588_ARQUIVO_ELEN_WAS_CHBURGER.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019

⁸ Matthew Parker foi o primeiro Arcebispo de Canterbury do período Elisabetano, e presidiu um sistema religioso onde a igreja inglesa mantinha uma identidade distinta do catolicismo romano e do protestantismo. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Matthew-Parker>> Acesso em: 15 abr. 2019

⁹ Citação retirada do discurso que Elizabeth I realizou no dia 10 de fevereiro de 1559. Disponível em: <https://history.hanover.edu/hhr/94/hhr94_2.html> Acesso em 16 maio 2018

A associação de poder e determinação ao homem, fazia com que as mulheres de antigas civilizações fossem desacreditadas sexualmente assim como ocorreu com a Rainha Elizabeth I no século XVII. As questões de gênero sempre tiveram fortes conexões políticas e na Grécia Antiga, não era diferente. Para eles as mulheres que fossem tão fortes quanto os homens, não eram femininas o que é explicado pelo acima já exposto: a associação entre feminilidade e fragilidade, masculinidade e poder/força.

O modelo one-sex tem sua base principal na devoção das mulheres aos homens. De forma que o homem era sempre o favorecido e a mulher era apenas um ser imperfeito que tinha como dever enaltecer os homens, enaltecer seus egos e sua masculinidade. Por essas crenças, quando a mulher detinha o poder de uma civilização - como ocorreu com a Rainha Elizabeth I - acreditava-se que ela não era, de fato, mulher. O poder, as decisões, a soberania, a perfeição eram sempre atreladas ao homem.

A imperfeição que era vista na mulher nesse modelo de concepção de gênero, fazia com que aquelas que possuíssem um número suficiente de características ditas como masculinas, poderiam estar em posições de poder. Um caso diferente de controvérsias sobre o governo de uma mulher, além do popular caso da Rainha Elizabeth I, seria a Rainha Christina¹⁰ da Suécia.

Concebida pois sua mãe necessitava com urgência um herdeiro para Gustavus Adolphus¹¹ - rei da Suécia - que constantemente deixava o castelo por questões da Guerra que o país travava na época. Com a morte prematura do rei em 1632 em um campo de batalha e sem herdeiros homens para subir ao trono, Christina, com apenas 6 anos de idade, foi coroada Rainha da Suécia. A idéia de ter uma mulher no trono na época, não era considerado o ideal para a maioria das

¹⁰ Christina nasceu em 1626, filha de Gustavus Adolphus e Maria. Após o seu nascimento foi anunciado que o casal havia tido um filho. Não é certo o motivo pelo qual acreditavam se tratar de um bebê do sexo masculino e não do feminino, mas o motivo mais comum citado na época era que Christina era muito peluda. Disponível em: <<https://www.headstuff.org/culture/history/queen-christina-of-sweden-lesbian-troublemaker/>> Acesso em: 21 maio 2018

¹¹ Gustavus Adolphus ascendeu ao trono da Suécia em 1611 após a morte de seu pai Charles IX. Durante seu reinado de 20 anos, Gustavus instituiu reformas significativas no militarismo sueco. Ele veio à falecer na batalha de Lützen em 1632, durante a Batalha dos 30 Anos. Disponível em: <<http://www.wiu.edu/cas/history/wihr/pdfs/Murray-Military%20HistoriographyVol5.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019

pessoas. Não apenas pela idade de Christina, mas naquela época - e até hoje - homens eram mais bem aceitos em posições de poder.

O gênero de Christina gerava controvérsias desde seu nascimento. Ao nascer, no ano de 1626, foi dito ao rei que sua esposa havia lhe concedido um filho. Uma afirmação que logo foi vista como erro. A razão de terem achado que Christina era de fato um menino, é incerta. Uns acreditam que era o fato da princesa recém nascida ser peluda, mas com o passar dos anos, passaram a questionar o gênero de Christina pois ela possuía uma voz mais firme e seu nariz de maiores proporções. Nada disso impediu, no entanto, que Christina crescesse e se torna-se rainha da Suécia.

Tanto Elizabeth I quanto Christina são exemplos de como o modelo one-sex desprezava as mulheres. Governos, quando administrados por mulheres, são extremamente criticados apenas focando nas questões de gêneros. Governos, quando por sua vez são administrados por homens, jamais são criticados pelo gênero. A imagem que o que é entendido por gênero passa, independente de qual época estudemos, é a de que a mulher não sabe/deve governar. Que ela é feita apenas para concordar e aceitar tudo aquilo que o homem que detém o poder daquele local, diz.

Se formos analisar o século XIX, onde houve a transição entre o modelo one-sex para o two-sex qual é de fato a diferença? Poderíamos pensar aqui que, como nesse momento a imagem da mulher foi destituída do homem, vista como algo separado da figura masculina e não apenas como uma versão inferior da mesma, a mulher foi mais bem aceita de forma individual. Que a mulher construiu sua identidade, autonomia e autossuficiência independente do homem ao seu lado, seja pai, marido ou irmão. Infelizmente, a divisão dos gêneros, quando finalmente percebeu-se que a mulher e o homem eram de fato duas criaturas independentes uma da outra, foi o ponto principal para o patriarcado ter ainda mais força e a divisão e exclusão de gêneros ser ainda mais predominante.

Para entender a transição entre os dois modelos de pensamentos sobre os gêneros, devemos considerar que no século XIX, politicamente, economicamente e biologicamente falando o gênero, a raça e o *status* social eram imprescindíveis para a inclusão ou exclusão social. Nenhum século deixou mais claro ou gerou uma maior

divisão entre os gêneros do que os anos de 1800. A supremacia masculina vista em diversos pontos ao longo da construção do mundo, tomou proporções ainda maiores.

Em sua tese sobre o patriarcado, Alda Facio diz:

Patriarcado é uma forma mental, social, espiritual, econômica e política da sociedade produzida por uma institucionalização gradual de criar relações políticas baseadas no sexo, mantidas e reforçadas por diferentes instituições ligadas de maneira próxima para atingir o consentimento de diminuir o valor da mulher e seus papéis. Essas instituições se conectam não apenas entre si para fortalecer as estruturas da dominação dos homens sobre a mulher, mas também com outros sistemas de exclusão, opressão e/ou dominação baseada em reais ou percebidas diferenças entre humanos, criando estados que respondem exclusivamente para as necessidades e interesses de homens poderosos.¹²

A fala de Alda, além de atual, pode ser considerada quando tratamos das diferenças entre os gêneros no século XIX. A distinção efetiva entre os sexos que ocorreu na época não repensava o papel da mulher, mas serviu de forma efetiva para reafirmar a supremacia masculina já vista anteriormente. Não era apenas uma instituição de sociedade ou uma área específica que distanciava a mulher ainda mais de alcançar todo o seu potencial.

O papel feminino na sociedade era cada vez mais atrelado à figura masculina. Sua individualidade era cada vez mais esquecida. A mudança entre as teorias sobre os gêneros pode ter feito com que aceitassem que a mulher era um ser diferente do homem. Que suas qualidades e defeitos não eram referentes à falta de masculinidade por assim dizer, era apenas outro corpo, outro ser. No entanto, a idealização de perfeição predominantemente ligada aos homens, não teve fim. Um gênero continuava tendo privilégios e superioridade sobre o outro.

1.2 A mulher e seu papel econômico e social no século XIX

O século XIX, foi marcado por manifestações sociais e políticas por todo o continente europeu. A modernização do mundo na época por conta da Revolução

¹² FACIO,A. 'What Is Patriarchy'. 2013. Disponível em: <<http://learnwhr.org/wp-content/uploads/D-Facio-What-is-Patriarchy.pdf>> Acesso em: 21 maio 2018

Industrial¹³, viria a causar um grande impacto social, político e econômico em toda a Europa. A produção agora era mais rápida, eficaz. O mundo estava se conectando, crescendo economicamente. No entanto, apesar de a Revolução Industrial apontar para a melhoria de mundo, nem tudo caminhava para o progresso de fato. Principalmente no que diz respeito aos direitos para aqueles vistos com menos importância para a sociedade: negros, escravos e mulheres.

A industrialização – principalmente a inglesa - fez com que mais empregos surgissem em fábricas enquanto forçava pessoas que viviam do campo para fora da cidade grande, dando mais lugar à fábricas. Grande parte das mulheres da Era Vitoriana, passa a trabalhar por severas horas diárias em fábricas, em condições precárias, e seu tempo livre era designado para cuidar do marido e filhos que o casal pudesse ter. O trabalho das mulheres em fábricas era extremamente desvalorizado. Com jornadas de trabalho que podiam ultrapassar os limites da humanidade enquanto os salários, que deveriam ser recompensas de seu esforço, eram na verdade um insulto à todo o desgaste emocional e físico que eram submetidas.

Além de terem um papel desvalorizado perante o homem em sua vida social, a mulher e trabalhadora do século XIX, tinha mais uma área desvantajosa quando comparada ao sexo oposto. Enquanto as mulheres passavam horas de pé, trabalhando na indústria, sem dormir, sem descanso - e em roupas desconfortáveis - o homem a supervisionava. O local de trabalho era apenas mais um âmbito no qual a mulher se encontrava sob os olhos do patriarcado.

Com o crescimento da Europa financeiramente, jovens migravam para as grandes cidades em busca de oportunidades de emprego. Com isso, mulheres e imigrantes - não apenas de cidades próximas - eram usados como meios de manufatura mais barata do que os homens. Recebendo um salário extremamente inferior ao de homens brancos de classes mais elevadas. O trabalho da mulher em fábricas era também um reflexo de seu trabalho assalariado dentro de casa. A

¹³ “A superação das contradições que geraram a crise econômica no século XVII liberou as forças que prepararam as condições conjunturais para a ocorrência da Revolução Industrial na Inglaterra, no final do século XVIII, e que, durante o século XIX, se espalhou, de forma desigual e combinada, pela Europa e os outros continentes”. Disponível em: http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalogo/10264518102016Historia_economica_gera_l_e_do_brasil_Aula_03.pdf> Acesso em: 15 abr 2019

mulher trabalhadora do século XIX vivia uma vida exaustiva e desvalorizada. Ela deveria ser dona de casa, esposa, cozinheira, mãe.

Em tese apresentada na Universidade de História de Cambridge em março de 2014, Sophie McGeevor¹⁴, falou como o papel da mulher dentro de casa refletia o seu trabalho externo. O poder aquisitivo da mulher para pagar ou não cuidados externos para seus filhos enquanto trabalha define qual ocupação ela teria no mercado de trabalho.

A ida das mulheres para trabalhos externos à sua vida caseira poderia ter trago uma divisão mais justa no trabalho doméstico - que era o trabalho em horário integral da mulher anteriormente -, no entanto, a sociedade da época esperava que a mulher tivesse dois empregos: um em casa e um na rua. Ambos trabalhos supervisionados pelo patriarca do ambiente. Ambos desvalorizados.

Uma das formas de mostrar como o trabalho era desvalorizado na Europa do século XIX é que, em registros da época, enquanto o homem era citado em documentos por sua ocupação profissional, a mulher, no entanto, era definida por seu estado civil - casada, solteira, viúva. Era como se a ocupação profissional da mulher era, antes de tudo, seu relacionamento com algum homem.

A falta de independência da mulher era geral. Quando uma moça se casava no século XIX, tudo aquilo que ela possuía ou iria possuir, era passado para e administrado por seu marido. As leis da época também atuavam de forma que o homem sempre fosse o privilegiado fazendo com que a mulher sempre ficasse à sombra do homem e sempre dependente do mesmo. A questão matrimonial é, talvez, a mais absurda de todas. Já que as mulheres costumavam se casar jovens e passar o resto da vida à mercê de seu esposo. A não ser que ocorresse um divórcio.

Em 1857, através do Matrimonial Causes Act¹⁵, o homem ganhou o direito de reclamar o divórcio caso a mulher houvesse cometido adultério. No entanto, o mesmo direito era exclusivo para o sexo masculino. A mulher, ainda que houvesse

¹⁴ Estudante de PhD na Universidade de Cambridge, Sophie McGeevor faz parte de um grupo de pesquisa intitulado Cambridge Group for the History of Population and Social Structure (Grupo de História da População e Estrutura Social de Cambridge). Ela faz parte de um projeto que está mapeando a estrutura britânica entre 1379 e 1911. Disponível em: <https://www.cam.ac.uk/people/mcgeevor/> Acesso em 15 abr. 2019

¹⁵ Matrimonial Causes Act (Lei das Causas Matrimoniais) são legislações para o divórcio, separação judicial, anulação de casamento, restituição de direitos conjugais e jactitação de casamento. Disponível em: <https://definitions.uslegal.com/m/matrimonial-causes/> Acesso em: 15 abr. 2019

sido vítima de traição, não poderia pedir pelo direito do divórcio. O sexo feminino só poderia terminar um matrimônio caso pudesse comprovar que o homem era culpado por não apenas por adultério, mas deveria ser um adultério “incestuoso, ou bigamia com adultério, ou estupro, e sodomia ou bestialidade, ou adultério com crueldade, adultério associado à deserção, sem qualquer desculpa, por pelo menos dois anos”¹⁶. No entanto, enquanto o homem não tinha nada a perder caso fosse acusado e a mulher ganhasse o direito ao divórcio, se a situação fosse inversa, a mulher perdia todo o seu dinheiro, o homem ganhava a guarda dos filhos do casal e a mãe das crianças perdia também o direito de vê-los novamente.

Com tantos absurdos ocorrendo de forma à oprimir a mulher - seja como filha, esposa, mãe, cidadã, ser humano - durante tantos séculos, foi no século XIX que a mulher europeia começou a encontrar formas de dar um basta em tanta desvalorização e privatização de seus direitos. Foi com isto que no ano de 1870, mais de uma década após uma alteração legal que gerou tanta diferença em relação ao divórcio para o homem e para a mulher, ocorreu o Marriage Women’s Property Act¹⁷. Essa foi a primeira legislação que visava dar à mulher os mesmos direitos que seu cônjuge possuiria caso houvesse rompimento do laço matrimonial.

A lei vigente em 1870 ainda não oferecia a mulher a mesma proteção que ofereceria à seu marido em caso de divórcio. Porém, antes desta lei, quando uma mulher casava, tudo o que ela possuía passava para seu marido - mesmo que esses bens houvessem sido obtidos após o casamento. Alguns dos direitos que passaram a ser obtidos pela mulher vigente à esta lei eram:

1. Os salários e ganhos feitos por uma esposa deveriam ser mantidos por ela para seu próprio uso, independentemente de seu marido. Isso incluía dinheiro ganho através de trabalho, ocupação, comércio ou qualquer outro meio seja literário, científico, ou habilidade artística que resultasse em ganho monetário.

¹⁶ Matrimonial Causes Act (Lei das Causas Matrimoniais) de 1857. Disponível em: <<https://www.perfar.eu/policies/matrimonial-causes-act-1857>> Acesso em 15 abr. 2019

¹⁷ Eram estatutos que tinha como propósito colocar mulheres casadas em pé de igualdade com seus cônjuges com relação a contratos, ganhos, posse de propriedade e o direito de processar ou ser processado. Disponível em: <<https://definitions.uslegal.com/m/married-womens-property-acts/>> Acesso em: 16 abr 2019

Esta sessão também cobriria investimentos feitos pelo dinheiro ganho pela mulher.

2. Uma mulher agora podia manter a propriedade que herdou de seus parentes próximos.
3. Uma mulher casada poderia agora manter uma propriedade alugada com seu próprio nome e também herdar uma propriedade alugada.
4. Uma mulher casada era hábil agora a manter seus filhos com lucros obtidos através de propriedade pessoal. No entanto, o marido também tinha a responsabilidade de manter a prole do casal. Esta lei tornou ambos os pais legalmente responsável de forma que cada parte detinha propriedades separadas. (PUBLIC GENERAL STATUTES. 1870)¹⁸

Ainda que a legislação tenha sido uma vitória feminina, foi apenas no ano de 1893 que o processo de direitos à mulheres casadas foi totalmente igualado ao de mulheres não casadas em relação à bens. Desta forma, os bens femininos não passavam ao marido e não eram administrados por ele. Era o começo de um processo de igualdade, no entanto. A mulher ainda estava longe de obter os mesmos direitos dados aos homens em diversos âmbitos de suas vidas.

A prisão matrimonial da qual a mulher era a vítima e seu campo de trabalho no qual ela também era extremamente desvalorizada, era apenas uma das formas no século XIX no qual a mulher era tratada como se não tivesse nenhuma importância social, econômica ou individual. Outro campo no qual a mulher sempre foi negligenciada e silenciada, foi a política.

Jamais tendo direito ao voto, as decisões que eram tomadas em dimensões governamentais para as mulheres, eram tomadas por homens. A mulher não tinha direito à escolher seus líderes, logo, mais uma vez, ela era compelida a acatar decisões feitas pelos homens sobre o que era melhor para elas. Silenciadas por muito tempo, a geração do século XIX foi também a geração que decidiu lutar pelos direitos políticos da mulher. Elas não aceitariam mais o silêncio perante a escolha de seus líderes políticos. Era o momento do sufrágio para a mulher.

¹⁸ Disponível em: <<http://statutes.org.uk/site/the-statutes/nineteenth-century/1870-33-34-victoria-c-93-married-womens-property-act/>> Acesso em: 10 jun 2018

1.3 A mulher e a política na Europa no século XIX

Durante todo o período político, a mulher não tinha voz. Ela não poderia exercer o direito de votar - quando o direito de votar passou a ser possível -, pois esse direito era exclusivo de homens brancos e instruídos academicamente. Mulheres, negros e pobres que não tinham condições de estudar, não podiam escolher os líderes políticos que, em teoria, deveriam tomar decisões governamentais para eles. Muito menos tinham o direito de possuir cargos políticos.

Apesar do trono de uma das mais importantes monarquias da época - o reino da Inglaterra - ter uma mulher na posição mais elevada, a política era cada vez mais negligente com as mulheres. A mulher era ainda vista como frágil - o que era só uma nova forma de chamá-la de inferior perante o homem. A divisão entre homem e mulher deixava ainda mais explícita a supremacia do homem, o papel da mulher, que deveria ter sido repensado, foi reafirmado.

A falta de voz da mulher era geral. Fosse dentro do lar, em eventos sociais ou em questões de direitos, ela era desvalorizada. Se formos analisar através da política, ainda que a maior monarquia europeia fosse liderada por uma mulher, o direito político entre os gêneros não avançou em nada se comparado à Grécia antiga, por exemplo - mais de 2.000 anos atrás. A sociedade avançou, o mundo se desenvolveu, mas a figura da mulher ainda era presa ao passado.

Na Grécia Antiga, assim como na Europa no século XIX - apesar de todos os séculos que separam as duas épocas - a mulher era vista como propriedade do marido e não possuía poder de fala.

As mulheres eram bens materiais e propriedade de algum homem. Elas nem sequer tinham o direito de se divorciar na Grécia clássica[...]A falta de direitos legais das mulheres tem sido uma queixa comum de mulheres e outros sobre a lei grega[...]Durante o período clássico, o sistema legal colocou as mulheres em um nível ainda mais baixo. Mas como elas passavam o tempo isoladas, elas tinham pouco a ver com o sistema legal. (FLENSTED-Jensen; NIELSEN; RUBINSTEIN. 2000)¹⁹

¹⁹ FLENSTED-Jensen; NIELSEN; RUBINSTEIN. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259905202_Polis_and_Politics_Studies_in_Ancient_Greek_History_presented_to_Mogens_Herman_Hansen_on_his_Sixtieth_Birthday_August_20_2000_by_P_Flensted-Jensen_Thomas_Heine_Nielsen_Lene_Rubinstein> Acesso em 10 jun. 2018

No século XIX, no entanto, isto começou a mudar. Cansadas de não terem voz política, a mulher europeia passa a se movimentar para ter direitos iguais ao dos homens. Para que, esta também, pudesse decidir o futuro de seu país e escolher o governante que iria tomar decisões que poderiam ser prejudiciais ou benéficas para ela. Assim, nasce o que é por muito chamado de o primeiro movimento feminista.

O Movimento Sufragista foi uma mobilização de mulheres de diversos pontos do mundo para receberem o direito ao voto²⁰. Lydia Becker²¹ fundou no ano de 1867 a National Society for Women's Suffrage (Sociedade Nacional do Sufrágio da Mulher), no Reino Unido. O movimento tomou mais força neste ano pois após a proposta de voto para a mulher - nos termos dos direitos dos homens - ter sido negada por 194 à 73 votos na Segunda Lei da Reforma (1867).

Anos após o falecimento de Lydia Becker em 1890, a NSWS fez parte de uma fusão com outros grupos sufragistas sob a liderança de Millicent Fawcett²² fundando, assim, a National Union of Women's Suffrage Societies (União Nacional das Sociedades Sufragistas das Mulheres)²³, no ano de 1897. A União buscava formas não violentas para conseguir o direito ao voto, como reuniões pacíficas e encontros públicos.

Entretanto, um grupo de mulheres acreditava que as sufragistas atendiam apenas à classe média e alta. Paralelamente então, no ano de 1903, outro movimento, que também visava o direito do voto à mulher, surgia: as sufragetes. Fundada por Emmeline Pankhurst²⁴, antiga membra da NUWSS, e suas filhas

²⁰ No Brasil, o movimento deu início no século XIX e as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto apenas em 1932 "através do Decreto nº 21.076 instituído no Código Eleitoral Brasileiro, e consolidado na Constituição de 1934." Disponível em:

<<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/como-as-mulheres-conseguiram-o-direito-ao-voto/>> Acesso em: 17 abr. 2019

²¹ Lydia Becker foi uma mulher que desempenhou um papel chave no movimento sufragista do século XIX. Disponível em: <<https://mmwonderwomen.wordpress.com/2018/03/09/lydia-becker/>> Acesso em: 15 abr. 2019

²² Millicent Fawcett (1847 - 1929) importante figura para a concessão do voto à população feminina. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3497/1/0873-0628_2008-026_00245-00254.pdf> Acesso em: 15 abr 2019

²³ União sufragista democrática formada em 1897 com a união de alguns grupos sufragistas da época. Disponível em: <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/evolutionofparliament/2015-parliament-in-the-making/get-involved1/2015-banners-exhibition/alinah-azadeh/1897-founding-of-the-nuwss-gallery/>> Acesso em: 15 abr. 2019

²⁴ Emmeline Pankhurst junto de suas filhas Sylvia e Christabel, fundou a Women's Social and Political Union (União Social e Política das Mulheres). Disponível em: <<https://www.bbc.com/bitesize/articles/zh7kdxs>> Acesso em: 16 abr 2019

Christobel e Sylvia, a Women's Social and Political Union (União Social e Política das Mulheres), utilizava métodos mais extremos e nada pacíficos para obter direito ao voto:

- Reuniões de massas e marchas;
- Invasão de reuniões eleitorais;
- Atirar pedras através de janelas;
- Quebra de janelas;
- Pichação;
- Destruição de caixas de correio;
- Se amarravam à corrimões e postes;
- Atrapalhar reuniões públicas;
- Destruição de propriedade pública;
- Ataques com bombas
- Atos criminosos;
- Greve de fome.²⁵

Mesmo com dois grupos operando - com meios distintos - visando o mesmo objetivo, a luta pelo direito ao voto perpetuou, e sofrendo também extrema oposição de grupos que não aceitavam a igualdade política da mulher. Porém, as sufragistas e também sufragetes, não esperavam que a oposição viria de outras mulheres. Mas ela veio.

No ano de 1908 foi fundada a Women's National Anti-Suffrage League (Liga Nacional de Mulheres Anti-Sufragismo). Mary Ward, foi uma das principais e mais conhecidas opositoras da causa sufragista das mulheres. A Liga apoiava que mulheres tivessem direito à votos municipais e menores, mas não votos de proporções parlamentares por medo de que isso causaria uma fusão entre os papéis das mulheres e dos homens.

Os argumentos da Liga para justificar sua oposição ao direito de voto da mulher, mostravam uma visão patriarcal e machista - provando que a oposição das causas feministas não são necessariamente provindas de figuras do gênero

²⁵ Retirado do livro 'Rise Up, Women!' de Andrew Rosen. Disponível em: <https://www.johndclare.net/Women1_SuffragetteActions_Rosen.htm> Acesso em: 16 abr 2019

masculino. Podem, também, vir de mentes moldadas desde o princípio dos tempos, a aceitar uma sociedade patriarcal. Um exemplo é o momento em que Violet Markham (integrante da Liga Nacional de Mulheres Anti-Sufragismo) discursou no Albert Hall na Inglaterra e declarou que “homens e mulher são diferentes com talentos complementares, não idênticos e que por isso devem ter papéis diferentes na gestão do Estado”²⁶.

Com o passar dos anos, o movimento anti-sufragismo foi ganhando força, e no ano de 1910 a Liga mesclou com um movimento, que também era contra o sufrágio, porém, por sua vez, era formado por homens: Men’s League for Opposing Woman Suffrage (Liga dos Homens para Oposição ao Sufrágio da Mulher)²⁷.

Em 1914, quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, as sufragetes pausaram suas ações de rebelião enquanto as sufragistas lutavam fortemente contra a oposição vinda da National League for Opposing Woman Suffrage (Liga Nacional para Oposição ao Sufrágio da Mulher) e da resistência que o governo tinha em permitir à mulher os mesmo direito político oferecido à homens - apesar de por outras preocupações consequentes do que ocorria no mundo no momento, o movimento sufragista ter perdido membros.

O movimento permaneceu suas manifestações pacíficas e apresentar proposta de mudanças de legislação referente ao sufrágio até que a Representation of the People Act 1918 (Lei de Representação das Pessoas de 1918), passou no sistema eleitoral do Reino Unido. A nova lei permitia que mulheres acima de 30 anos pudessem ter voto político se eles possuísem propriedade ou fossem casadas com homens proprietários de terreno. Enquanto todos os homens, maiores de 21 anos, se possuísem propriedade ou não, poderiam votar.

Ainda que tenha sido uma vitória para o movimento sufragista europeu, a Representation of the People Act 1918 ainda falhava em dar as mulheres aquilo que

²⁶ Tradução de trecho do discurso de Violet Markham. Disponível em: <<https://www.historyanswers.co.uk/people-politics/anti-suffrage-the-british-women-who-didnt-want-the-vote/>> Acesso em: 16 abr. 2019

²⁷ Fundada por Evelyn Baring no ano de 1908 sob o nome de Men's Committee for Opposing Woman Suffrage (Comitê de Homens para Oposição ao Sufrágio da Mulher), era um grupo de oposição à permissão de voto em âmbito político à mulher. Em 1910, o grupo mudou de nome para se juntar à Women's National Anti-Suffrage League (Liga Nacional de Mulheres Anti-Sufragismo) para formar a National League for Opposing Woman Suffrage (Liga Nacional para Oposição ao Sufrágio da Mulher). Disponível em: <<https://www.wcml.org.uk/blogs/Lynette-Cawthra/Mens-League-for-Opposing-Woman-Suffrage/>> Acesso em: 16 abr. 2019

elas de fato pediam. Como se conceder à elas parte dos direitos concedidos aos homens, pudesse ser o bastante para acalmá-las e fazê-las aceitar aquilo que a sociedade dizia que era seu lugar. Porém, ceder parte dos direitos não foi o suficiente, e jamais seria. A mulher chegou em um ponto histórico em que a encenação de liberdade ou a conformidade não eram mais uma opção. A mulher não aceitaria menos do que aquilo pelo que lutava.

Foi assim que, ainda com o movimento sufragista tendo diversos grupos extintos após o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918, algumas mulheres permaneceram na luta visando aquilo que era o foco do movimento desde o princípio: o voto da mulher. No ano de 1928, mais uma lei foi aprovada. A Representation of the People (Equal Franchise) Act 1928 (Lei da Representação de Pessoas Franquia de Igualdade de 1928) foi a resposta que aquelas mulheres ansiavam há sessenta e um anos.

Esta nova legislação possui alguns fatores de suma importância. Um que podemos ver é que além de utilizar a palavra '*people*' - do inglês, 'pessoas' -, que já era utilizada na legislação de 1918, o novo título da legislação usa o termo "*Equal*" - do inglês "igual/igualdade" - colocando homens e mulheres sob a mesma nomenclatura perante a lei.

A vitória do movimento sufragista é sem dúvida motivo de comemoração para as mulheres. No entanto a demora para a liberação de um direito que hoje vemos como básico é algo nos faz analisar em quantos meios a mulher foi oprimida, negada e negligenciada pela sociedade patriarcal. Como foi apenas no século XIX que a mulher resolveu se levantar contra uma sociedade que a negava. E como foi apenas no século XX que o direito básico de escolher seu representante político foi concedido à ela.

O século XIX foi repleto de lutas e revoluções de grupos em diversas partes do mundo. A globalização e uma maior conscientização da parte da mulher, sua inserção no mercado de trabalho e um maior ciclo de informações, podem ser considerados fatores importantes para que grupos de mulheres se levantassem e fossem à luta. Apesar de que, no meio deste processo de nova formação de mundo, suas lutas possam ter sido esquecidas ou até mesmo silenciadas.

Enquanto algumas revoluções de mulheres como a igualdade política através do direito ao voto, a igualdade matrimonial, a luta no mercado de trabalho, outras formas de expressão e da busca da mulher por sair da sombra de uma figura de um homem podem ter sido apenas uma base de um movimento com objetivo maior: a construção da identidade da mulher. A moda, por exemplo, foi uma das reformas que aconteceram e que contribuíram para este objetivo.

Tendo visto como era a percepção de mulher em uma Europa patriarcal do século XIX, no próximo capítulo iremos abordar como a indumentária acompanhou as lutas da mulher por sua individualidade. Como a roupa serviu como forma silenciosa de revolução para que a mulher finalmente pudesse começar a se levantar, buscar e mostrar quem ela é o que poderia ser.

CAPÍTULO 2

A MODA FEMININA NO SÉCULO XIX: COMO A REFORMA DA INDUMENTÁRIA SE TORNOU FERRAMENTA DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA MULHER

No capítulo anterior vimos o que era entendido por gênero na Europa do século XIX e início do século XX, além de compreender as diferenças entre mulheres e homens da época de forma econômica, social e política. No entanto, era cada vez mais comum que enquanto a mulher europeia deste período buscava se libertar de estereótipos e lutava por igualdade entre os gêneros, a indumentária como forma de expressão paralela à suas lutas tinha um papel cada vez mais presente. Inspiradas por movimentos feministas da época, algumas mulheres da sociedade começavam pela primeira vez à quebrar padrões do que era entendido por indumentária da mulher.

A moda feita para a mulher era comumente vista como divisão de classe, status social e também, usada para diminuir a mulher perante o homem, muitas vezes de forma que mostrasse a submissão da mulher perante seu marido. No século XIX, no entanto, isso começa a sofrer alterações.

Por ter sido um século de inovação, a indumentária passa a se ajustar à este novo momento e nova forma de visão de mundo. Com a revolução industrial que aumentou as produções em grandes quantidades, surgiu a moda “ready made”, onde era possível, pela primeira vez na história da indumentária, passasse por caminhos diferentes para a sua produção.

Neste capítulo iremos analisar e observar algumas formas de como a indumentária era usada: como demonstrativo de status social, como ela foi se reformulando para se encaixar com lutas da mulher do século XIX, como o espartilho e seu uso excessivo causavam danos à mulher e a limitavam, não apenas socialmente como fisicamente, e como a indumentária acompanhava o processo de liberdade dela e busca de igualdade entre os gêneros.

2.1 A indumentária e a mulher do século XIX

No fim do século XVIII, a moda passou uma mudança drástica onde seu catalizador foi a Revolução Francesa. O estilo neoclássico foi adotado pela França, que ainda era a principal influência da Europa na época, e por esta razão, os espartilhos e os tecidos pesados foram substituídos por roupas leves, fluidas que não prendiam o corpo feminino nem deformavam suas formas naturais. No entanto, esta indumentária não durou por muito tempo.

Fotografia 1 - Manequim usa vestido chemisier inglês durante período neoclássico que se originou na França. Data entre 1805 e 1810.



Fonte: Tumblr (2018)

Disponível em: <<https://lookingbackatfashionhistory.tumblr.com/post/174479439442/womans-dress-place-of-origin-england-date>> Acesso em: 19 abr. 2019

Com a volta da monarquia francesa em 1815 por consequência voltou o conservadorismo europeu e a moda seguiu o seu curso. Com o período romântico com ainda mais força na França e logo disseminado pela Europa, a diferença entre os trajes feitos para homens e para mulheres era ainda mais evidente “com trajes de

inspiração militar para os homens e roupas para as mulheres que enfatizavam a fragilidade feminina com cinturas finas e bustos fartos” (FOGG, 2013)²⁸

A fragilidade feminina exposta através da indumentária mostrava o corpo da mulher extremamente objetificado. Onde o corpo da mulher e sua vestimenta eram a forma mais fácil de informar a quantidade de dinheiro e terras que seu pai tinha - caso a mulher fosse jovem e solteira - ou quantas terras o seu marido tinha - para a mulher já casada. No século XIX “o casamento era a carreira ideal feminina, e, para tanto, a mulher se utilizava da vestimenta como forma de ‘marketing pessoal’, pois sua imagem era um dos poucos artifícios de que ela valia para a conquista” (XIMENES, 2011)²⁹

Desta forma, as aparições da mulher - que eram raras na época - nada mais eram do que forma de exibição de poder - nunca um poder dela. A mulher burguesa da época era exibida em eventos sociais e submetida aos homens. Coisas que eram claras através da indumentária. Tendo em vista que seus trajes a limitavam, e eram feitos sempre para satisfazer os desejos dos homens ao seu redor. Enquanto a indumentária do homem burguês do século XIX o permitia caminhar livremente entre salões e eventos sociais. Com trajes mais leves que não o limitavam ou diminuía perante os outros. Já a mulher era criada e instruída a ser recatada e a pertencer, jamais à ela mesma, mas ao homem ao qual estava submetida.

No século XIX, a indumentária seguia seu papel principal no que dizia respeito à sociedade europeia: dividir as classes. A roupa era utilizada para deixar claro aos olhos de quem visse, o status social da pessoa e o poder que possuía. Pessoas da alta sociedade, donos de muitas terras, eram facilmente identificáveis através da roupa. A classe operária também o era. A diferença era drástica. E a roupa da mulher mostrava essa diferença de maneira ainda mais intensa.

Totalmente atrelada ao marido, a roupa da mulher era o principal fator para determinar poder, status e posição que seu cônjuge possuía. Quanto mais adornos a roupa tinha, quanto mais avantajadas fossem as armações que dessem

²⁸ FOGG, Marnie. Tudo Sobre Moda. Tradução: Débora Chaves, Fernanda Abreu, Ivo Korytowski. Rio de Janeiro. Sextante. 2013. Pág 130.

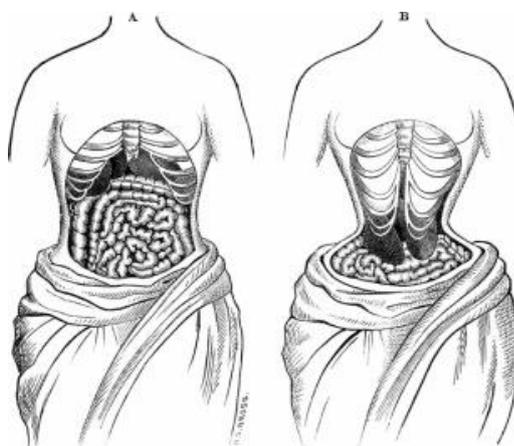
²⁹ XIMENES, Maria Alice. A Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX. São Paulo. Estação das Letras e Cores, 2011, p. 26.

volume à parte inferior de seu vestido, eram fatores cruciais para determinar quanto dinheiro possuía o homem ao qual esta mulher era vista como submetida. A indumentária feita para a mulher não a representava.

O século XIX foi um período de muita inovação, no entanto. A extensa quantidade de tecidos produzidos na época aumentou a produção de roupas fazendo com que a circulação da moda fosse mais fluida. No entanto, as diferenças entre as classes ainda era drástica.

A mulher do século XIX era exibida como um objeto. A roupa da mulher nada mais era do que uma forma de submetê-la ao homem e o preço que a mulher de alta classe pagava era alto para sua saúde. A indumentária não respeitava a anatomia original do corpo da mulher e “suas reais proporções foram substituídas por uma construção vestimentária bizarra de cunho ficcional: vestidos arquitetônicos que ocultaram a mulher”³⁰ O uso excessivo de espartilhos e cinturas cada vez mais finas, causavam, além de um desconforto extremo, muitos problemas de saúde que afetavam a qualidade de vida da mulher burguesa europeia.

Fotografia 2: Ilustração de 1884 exemplificando a maneira como o espartilho alterava a distribuição dos órgãos no corpo.



Fonte: Era Vitoriana (2015)

Disponível em: <<https://eravitoriana.wordpress.com/2015/10/03/mitos-e-verdades-sobre-o-espartilho-no-corpo-da-mulher-no-seculo-19/>> Acesso em: 19 abr. 2019

³⁰ XIMENES, Maria Alice. A Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX. São Paulo. Estação das Letras e Cores, 2011. Pág 27.

Um dos grandes nomes de influenciadores da moda na época é o de Charles Frederick Worth³¹. O pai da alta costura pode aqui também ser citado como um exemplo de como a moda era pensada para submeter a mulher a mulher ao imaginário masculino pois na época, “na maioria dos ateliês, as roupas femininas eram confeccionadas por mulheres, logo, Worth entrava no campo de batalha” e com isto “no fim dos anos 1850, o número de homens que se dedicavam a fazer roupa para mulheres havia aumentado consideravelmente.” (DEBOM, 2017)³²

Fotografia 3 - Pintura de óleo sobre tela do alemão Franz Xaver Winterhalter da Imperatriz Eugénie (Condessa de Teba) usando vestido confeccionado por Charles Frederick Worth em 1854



Fonte: Met Museum

Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1978.403/>> Acesso em: 19 abr. 2019

Com isto, fica ainda mais explícita a supremacia masculina da época tendo em vista que até as roupas das mulheres passam a ser selecionadas por homens, desenhadas por eles. Onde a moda não era criada pensando naquela que a usaria

³¹ Charles Frederick Worth (1825 - 1895), foi um costureiro influente do século XIX. Chamado como o pai da alta-costura, e dos desfiles de moda com modelos.

³² DEBOM, Paulo. Worth, o precursor da alta-costura. 2017. Págs 85 e 86.

mas sim para quem a veria. Onde o criador “utilizava seu olhar de homem e artista para idealizá-las segundo o desejo masculino subjacente” (XIMENES, 2011).³³

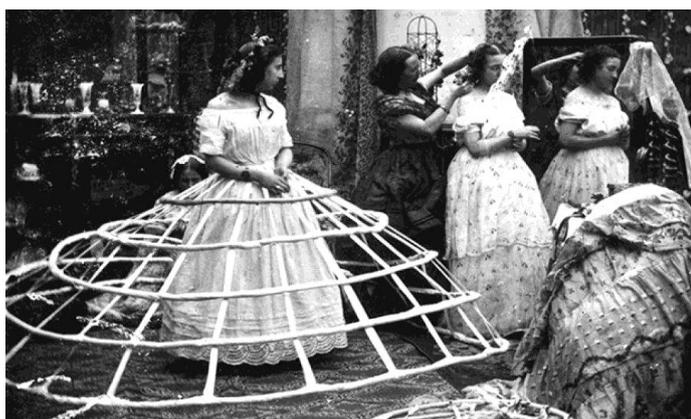
No entanto, o século XIX foi repleto de mudanças no campo das artes, cultura, política e sociedade. Como já era possível esperar, a moda seguiu essas mudanças.

Cansadas de serem apenas objetos, a mulher do século XIX foi em busca de seus direitos como visto no capítulo anterior e a indumentária, acompanhou este processo como uma revolução de base que ocorria enquanto o mundo da mulher clamava por mudança.

2.2 A indumentária e como ela se moldou às mudanças do papel da mulher europeia do século XIX

Os anos de 1800 foram acompanhados pelas mudanças na indumentária. Enquanto a mulher lutava por direitos através do movimento sufragista a partir da década de 1850 a moda começou a ser moldada. Neste período a crinolina e o espartilho estavam em alta. As saias eram jaulas para as mulheres que muitas vezes não conseguiam passar por uma porta por conta das armações de suas roupas.

Fotografia 4 - Mulher aguarda auxílio para se vestir utilizando crinolina



Fonte: People

Disponível em: <<https://people.howstuffworks.com/10-ridiculous-victorian-etiquette-rules1.htm>> Acesso em: 19 abr. 2019

³³ XIMENES, Maria Alice. “A Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX”. São Paulo. Estação das Letras e Cores, 2011. Pág 29.

Este tipo de indumentária, no entanto, diz respeito à mulher cujo seu papel era ficar em seu lar, onde suas aparições eram apenas em eventos ou bailes da sociedade. Porém, o mundo estava mudando. Logo, a moda também precisava mudar.

Nesta segunda metade do século, a indumentária no estilo de Worth que tinha se disseminado no mundo inteiro, foi desafiada pois “uma reforma na indumentária era um foco significativo e preocupante para as ativistas dos direitos da mulher”³⁴. Os ternos Bloomer³⁵ eram calças largas e folgadas, que não marcavam a silhueta e permitiam uma maior facilidade para movimento do corpo. No entanto, a peça foi altamente criticada em uma época vitoriana onde as regras eram extremamente rígidas para mulheres. E desta forma, a vestimenta não obteve a repercussão necessária para a mulher da época. Foi ridicularizada e a sociedade conservadora afirmava que a peça roubava a feminilidade da mulher.

³⁴ National Park Service. 2015. Disponível em:

<<https://www.nps.gov/wohi/learn/historyculture/elizabeth-smith-miller.htm>> Acesso em: 19 abr. 2019

³⁵ A vestimenta recebeu este nome em homenagem à Amelia Bloomer, ativista americana que defendia o uso de calças pelas mulheres. MONTELEONE, J. O circuito das roupas: A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840 - 1889). São Paulo. 2013. p. 172 - 174

Fotografia 5 - Mulher vestindo terno bloomer próxima à uma bicicleta



Fonte: Moda Histórica (2013)

Disponível em: <<http://modahistorica.blogspot.com/2013/05/lingerie-historica-parte-6.html>>

Acesso em: 19 abr 2019

Apesar de toda a represália sofrida pelos ternos bloomers, este não foi o único movimento de reforma proposto para a indumentária durante a época vitoriana. Com vestimentas semelhantes à Idade Média e também ao período neoclássico visto na Europa no início do século XIX, o estilo chamado artístico foi fundado uma “irmandade pré-Rafaelita [que] se inspirou nos artistas medievais que antecederam Rafael e considerava a arte gótica e a arquitetura da Idade Média pontos altos da civilização.”³⁶ (FOGG, 2013) O modo alternativo de se vestir era chamado de ‘artístico’ e foi em sua parte fundada por Dante Gabriel Rossetti.

³⁶ FOGG, Marnie. Tudo Sobre Moda. Tradução: Débora Chaves, Fernanda Abreu, Ivo Korytowski. Rio de Janeiro. Sextante. 2013. Pág 184.

Fotografia 6 - Veronica Veronese é uma pintura de 1872 de Dante Gabriel Rossetti tendo Alexa Wildig como modelo. A pintura mostra um modelo de vestimenta defendida pela Irmandade Pré-Rafaelita



Fonte: Moda Histórica (2014)

Disponível em: <<http://modahistorica.blogspot.com/2014/03/seculo-xix-roupa-estetica-e-da-reforma.html>> Acesso em: 19 abr. 2019

Diferente do movimento americano que criou o terno Bloomer, o estilo adotado pela Irmandade não passava a ideia de querer de certa forma masculinizar a indumentária da mulher, apenas suavizava os traços que dificultavam a locomoção da mulher e ignoravam sua real anatomia. No entanto, em semelhança com a proposta americana, esta indumentária foi ridicularizada por não pertencer aos padrões exigidos da mulher burguesa europeia da época.

Conforme a mulher buscava mais liberdade social, política e econômica, a moda, ainda ditada por homens, objetificavam seu corpo e colocavam a mulher no lugar ao qual o homem determinava como dela: a mulher submissa, do lar, apenas um adorno à ser exibido em eventos como demonstração de poder. Foi apenas na década de 90 que os vestidos exagerados e pesados passam a ser substituídos aos poucos. Sendo primeiramente restringido à festas e bailes.

A mulher que buscava direitos, em geral, se recusava à usar roupas desconfortáveis que não respeitavam as curvas naturais de seu corpo. Elas seguiam a moda, porém de forma menos agressiva à si mesma, e o uso do espartilho era negado pelas mesmas.

Seguindo a idéia da Irmandade Pré-Rafaelita, em 1894, pouco antes de Millicent Fawcett fundar a National Union of Women's Suffrage Societies (União Nacional das Sociedades Sufragistas das Mulheres), no ano de 1897, um vestido restringido à ser usado em casa nos fins de tarde sem a necessidade de espartilho surgiu.

Usado como vestido de chá para o fim da tarde estritamente dentro dos limites da casa, este vestido tem um estilo parecido com as criações de Walter Crane para o vestuário estético que apareceu no *Aglaia*, o jornal do Sindicato do Vestuário Artístico e Saudável. Ele foi confeccionado pelo Ateliê de Trajes Históricos e Artísticos da Liberty sob supervisão de E.W. Godwin, o estilista que chefiou o departamento de vestuário a partir de 1884. Entusiasta do movimento estético, ele se inspirou nos vestuários clássico, medieval e renascentista para criar roupas para mulheres. (FOGG, 2013)

Fotografia 7 - Vestido de veludo de seda verde escuro, confeccionado para chás de fim de tarde por E.W. Godwin, que não necessitava do uso de espartilho



Fonte: Moda Histórica (2016)

Disponível em: <<http://modahistorica.blogspot.com/2013/11/a-moda-feminina-de-1863-1903.html>> Acesso em: 22 abr. 2019

Apesar do grande avanço no campo da indumentária que a peça significava, sua restrição à apenas os limites da casa era a prova de que o caminho a se trilhar ainda era longo. Enquanto a feminilidade da mulher ainda era restringida ao uso do espartilho, as mulheres que faziam parte do movimento sufragista da época iam às ruas com vestidos menos acentuados, saias menos volumosas. Elas estavam criando não apenas história, mas mudando a moda. Ditando sua própria vestimenta. Moldando suas roupas àquilo pelo que lutavam: igualdade

Fotografia 8 - Mulheres do movimento sufragista europeu em marcha pelo direito de voto



Fonte: Museums (2015)

Disponível em:

<https://museu.ms/article/details/107394/the-wonder-women-of-europeana-happy-international-womens-day-2015> Acesso em: 22 abr. 2019

Estas mudanças na indumentária, entretanto eram restritas às mulheres do movimento sufragista. Não eram comumente vistas em mulheres que não lutavam pela causa. No entanto, na década de 90, inspiradas nos ternos bloomers americanos, surgiu na Europa o uso da saia bifurcada. Chamada de roupa esportiva, a peça era comumente vista por mulheres que praticavam ciclismo, além das mulheres do movimento sufragista. No entanto “muitas temiam que a introdução da peça anulasse as diferenças entre os sexos, e as mulheres que usavam o traje foram hostilizadas.” (FOGG, 2013)

Porém, ainda na mesma década, a indumentária feminina foi ficando cada vez mais simples, saias menos volumosas, cinturas menos marcadas e maior liberdade de movimento para o corpo feminino. Foi então que surgiu o shirtwaist. Indumentária

de modelagem masculina, o shirtwaist era composto por duas peças de roupa combinadas que ofereciam uma maior mobilidade para o corpo e nas atividades de lazer. O espartilho ainda era usado neste momento, mas bem menos marcado do que aqueles vistos nas décadas anteriores. Por ser um modelo prêt-à-porter³⁷, o modelo ficou disponível para todo o mundo e era comumente visto também em mulheres que trabalhavam.

Fotografia 9 - Mulher usando o shirtwaist, popularizado na década de 1890



Fonte: Deanne Gist (2015)

Disponível em: <<https://iwantherbook.com/blog/2015/3/17/four-closet-essentials-for-a-new-woman>> Acesso em: 22 abr. 2019

Apesar de ter sido um modelo bastante usado em 1890, a aceitação do shirtwaist não durou tanto. O mundo e a moda passaram por uma transição logo depois, enquanto a Europa entrava na Belle Époque, popularmente conhecida como a Bela Époque.

³⁷ “O prêt-à-porter fundia a indústria com a moda botando novidade, estilo e estética para andar nas ruas” após 1950. **Democratização da moda: O advento do Prêt-à-porter**.2003. PUC. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4747/4747_5.PDF> Acesso em: 22 abr. 2019

2.3 A Belle Époque e a indumentária feminina em busca de liberdade

A Belle Époque, ou Bela Época, foi o período europeu que antecedeu a entrada de um novo século e a Primeira Guerra Mundial. Com duração entre 1890 e 1914 – quando a primeira guerra se deu início –, a Europa neste momento se encontrava vivendo um período de paz e crescimento econômico que era claramente visto através das vestimentas, principalmente da mulher. O shirtwaist – roupas com modelagem vista como masculinizada – ficou para trás, e a mulher da Belle Époque recuperou sua dita feminilidade através da indumentária. A moda era novamente marcada pelo espartilho e infelizmente pela objetificação do corpo feminino.

O movimento teve seu ponto central na França – já que Paris era o centro mundial da cultura naquele período – e as mulheres locais, novamente abusavam do uso do espartilho em busca de uma silhueta fina em formato de “S” – projetando os seios para frente. Apesar de o espartilho neste formato ter sido criado por Inès Gaches-Sarraute³⁸ – que possuía conhecimentos médicos – o uso do espartilho da época causava danos severos à mulher. Ele não mais projetava os órgãos para baixo, no entanto causava danos à estrutura óssea da mulher e gerava intensas dores nas costas das mesmas. O que não os diferenciava tanto assim dos espartilhos da era vitoriana, pois estes também resultavam em problemas de saúde à estrutura e à saúde feminina.

A busca pela feminilidade, em ambas as épocas, resultava, muitas vezes em mortes prematuras por complicações médicas. O sistema musculoesquelético da mulher sofria as consequências do desejo de uma cintura fina e causava o deslocamento dos quadris das mesmas. A busca do corpo idealizado como perfeito era excessiva e perigosa. “As mulheres imitavam as corpulentas amantes de Eduardo VII colocando enchimento no busto ou tomando pílulas para aumentar os seios” (FOGG, 2013. Pág 197) o que continuava causando preocupações referentes à saúde da mulher.

³⁸ Ines Gaches-Saurate nasceu em 1853 e confeccionou o chamado espartilho Belle Époque - chamado de “espartilho eduardiano” na Inglaterra. Disponível em: <http://croquelaviepeggy.canalblog.com/archives/2013/03/03/26558889.html> Acesso em: 23 abr. 2019

Fotografia 10 - Ilustração do espartilho “eduardiano” em 1903, como era chamado o espartilho da Belle Époque na Inglaterra.



Fonte: Etsy

Disponível em: <<https://www.etsy.com/au/listing/152809272/tve01-1903-edwardian-corset-sewing>> Acesso em: 23 abr. 2019

Nesta época, no entanto, o movimento sufragista estava cada vez ganhando mais força, questionando novamente o uso do espartilho e o aprisionamento da mulher pelo mesmo apenas para satisfazer os olhos dos homens e expressar condições financeiras.

Durante a Belle Époque a moda começou a dar seus primeiros passos à caminho da liberdade e o espartilho começa a ser substituído por sutiãs simples e anáguas mais leves. Alguns nomes importantes em Paris - cidade que ainda era a capital das artes na época - foram responsáveis por esta mudança. Nomes como

Paul Poiret³⁹ e Jacques Doucet⁴⁰ foram pioneiros no caminho que a moda passava a trilhar. Um caminho com as silhuetas mais longas, corpos mais soltos. Poiret e Doucet investiam em modelos onde “os quadris foram suavemente achatados pelo espartilho mais longo, a saia é um pouco mais estreita”, deixando modelos como os criados por Worth ou até mesmo o espartilho em ‘S’, tão popular na primeira década da Belle Époque, para trás.

Fotografia 11 - Manequim usa vestido de gala criado por Jacques Doucet em 1902 na França. O vestido faz parte do acervo do The Metropolitan Museum of Art dedicado ao estilista.



Fonte: Met Museum

Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/158232>> Acesso em: 23 abr. 2019

Em torno de 1908, a silhueta passa a ser mais suave e mais reta. Espartilhos menos rígidos passam a ser usados. O decote em formato de “V” é aceito. No entanto, ainda assim, as saias entravadas impediam que a mulher pudesse se

³⁹ Paul Poiret estilista francês do século XX que iniciou sua carreira aos 20 anos e tornou-se conhecido por revolucionar a moda, abolindo o espartilho do guarda-roupa feminino, ao propor uma coleção com formas amplas e confortáveis. BONATO, J. **Um estudo sobre a relação entre o costureiro artista Paul Poiret, a moda e a arte.** 2017. p. 3

⁴⁰ Jacques Doucet é descrito como um dos grandes mestres da moda. Disponível em: <<http://www.fashionintime.org/history-jacques-doucet/>> Acesso em: 23 abr. 2019

movimentar livremente. Foi então que Lucy – Lady – Duff-Gordon⁴¹, que possuía maisons em Paris, Londres, Chicago e Nova York, passou a flertar com vestimentas que aboliam o espartilho de uma vez por todas da vida da mulher. Os vestidos confeccionados na Maison Lucile – que veio a fechar nos anos 20 – tinham uma estrutura mais solta, com caimentos fluidos e mais leves. Até mesmo as lingerie confeccionadas pela estilista visavam ser mais confortáveis e românticas. Através de sua influência na indumentária, a mulher não precisava mais colocar sua vida em risco para ter um ar mais feminino e romântico. Lady Duff-Gordon abusava de estamparias florais e laços, permitindo à mulher uma maior mobilidade sem perder sua tão almejada feminilidade.

Fotografia 12: Manequim usa vestido criado por Lady Duff-Gordon na Inglaterra em 1914.



Fonte: Met Museum

Disponível em:

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/107906?&searchField=All&sortBy=Relevance&ft=House+of+Lucile&offset=20&rpp=20&pos=38> Acesso em: 23 abr. 2019

A importância de Lucy para o mundo da moda, especialmente para a moda pensada para o corpo da mulher, é inegável e foi uma das maiores influências da indumentária feminina na época. Visando, não apenas o lado estético, mas também no conforto para o corpo da mulher e na construção de identidade feminina através

⁴¹ “Lucy, Lady Duff Gordon foi uma das principais estilistas da era eduardiana e uma das fundadoras da moda do século XX. A House Of Lucile foi uma das primeiras marcas de moda no mundo, com ateliês em Londres, New York, Paris e Chicago”. ABRAMS, M. Lady Duff Gordon: fashion’s forgotten grande dame. 2011. Disponível em: <http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG8328862/Lady-Duff-Gordon-fashions-forgotten-grande-dame.html> Acesso em: 23 abr. 2019

da moda. Pois além de revolucionar para o seu próprio tempo, Lady Duff-Gordon abriu portas para que outros estilistas como Coco Chanel, moldassem o que era entendido por moda até aquele momento.

CAPÍTULO 3

LADY DUFF-GORDON, COCO CHANEL E FEMINILIDADE: COMO AS ESTILISTAS REVOLUCIONARAM O QUE ERA ENTENDIDO POR INDUMENTÁRIA FEMININA

Anteriormente pudemos observar a forma como a moda acompanhou em linhas quase paralelas a busca da mulher por igualdade – social, política e econômica. Enquanto um grupo de mulheres ia para as ruas em busca de seus direitos, o pensamento de que a sua vestimenta deveria sofrer alterações para acompanhar esse processo, foi crescendo. E igualmente criticado pelos grupos antifeministas.

Os grandes estilistas dos grandes centros culturais europeus - como Paris e Londres - eram homens. A roupa feita para a mulher não levava em consideração sua estrutura ou seu conforto. Seja por questões de moldar o corpo feminino de forma a torná-lo mais atraente aos olhos, seja por uma questão de submeter a mulher, entre outros fatores. Com o crescimento de movimentos feministas ao redor do mundo a roupa passa a dar seus primeiros curtos passos em direção à uma revolução.

Neste capítulo, iremos entender sobre a criação, ascensão e importância de duas mulheres de sucesso no campo da moda, que tinham a mulher como o seu foco, que pensavam tanto na feminilidade quanto no conforto da mulher. Lucile Duff Gordon e Gabrielle 'Coco' Chanel eram destemidas, independentes e apostaram em sua criatividade em prol da mulher.

Buscando não padronizar as roupas masculinas e femininas, mas encontrar um equilíbrio entre o conforto dado ao homem através das roupas e visando não perder os traços de feminilidade através das vestimentas da mulher, estas duas mulheres europeias revolucionaram o que até então era conhecido por moda feminina. Respeitando a forma natural do corpo da mulher e deixando de privá-lo de seus movimentos, Lucile e Gabrielle deixaram marcas que até hoje são vistas através da indumentária.

3.1 “Lucile”: O primeiro império universal de roupa feminina, seu impacto na moda e a grande mulher por trás da marca

Lucy Christiana Sutherland, que mais tarde seria mundialmente conhecida pela marca Lucile, nasceu no ano de 1863 em Londres. Com uma infância repleta de infelicidades - sendo a mais marcante delas a morte de seu pai no ano de 1865 quando Lucy tinha apenas dois anos -, e a mudança para o Canadá para morar no rancho dos avós, não havia como prever que ela viria a se tornar um dos maiores nomes da alta costura e da moda em todo o mundo.

Descrita por ela mesma em sua autobiografia como uma mulher de temperamento forte, Lucy possuía poucos dos traços atribuídos à feminilidade na época. Sendo seu “amor por bonecas o único traço feminino na época”⁴², e foi por esse amor por bonecas que Lucy dividia com a irmã caçula, que o amor por confeccionar e desenhar roupas se deu início.

Ainda na infância, Lucy começou a desenhar e confeccionar roupas para suas bonecas. Ela criava vestidos de maneira livre para seus brinquedos e os de sua irmã caçula Elinor. Porém, seu talento prematuro começou a despertar o interesse das demais crianças vizinhas, desta forma, podemos dizer que ali começava o Império Lucile - pois ela começou a criar roupas também para as bonecas de colegas e receber pagamentos por isso.

Alguns anos mais tarde, a mãe de Lucy e Elinor casou-se novamente, levando as filhas para viver na Escócia e logo depois se mudando para Londres. Um período que a estilista relatou como conturbado, pois sua mãe não era uma mulher feliz - jamais havia se recuperado da morte do pai de suas filhas - e as crianças da vizinhança “a desprezavam e estavam sempre criticando os hábitos masculinizados das meninas”⁴³.

Certos problemas de saúde do padrasto fizeram com que toda a família se mudasse para Jersey, uma cidade na Inglaterra, onde Lucile conheceu o que podemos chamar de sua primeira inspiração, uma jovem da cidade chamada Lily le Breton. Lily era uma espécie de fascínio fashion na cidade e sempre eram ouvidos

⁴² DUFF-GORDON, L. “*A Woman Of Temperament*”. Attica Books, Edição 2012. [E-Book] Location 151

⁴³ Ibidem, Location 233

detalhes sobre o que ela vestia ou como ela havia lançado uma nova moda. Lucy e Elinor eram fascinadas pela jovem e como a mesma se vestia.

Conforme os anos passaram, da forma que Lucile retrata em sua autobiografia, os hábitos menos femininos adquiridos no rancho onde residiram no Canadá, foram ficando para trás. De forma que ela cresceu e se tornou um jovem atraente e antes mesmo dos 17 anos, havia ficado noiva três vezes - onde nenhum dos relacionamentos durou mais do que algumas semanas.

Apesar de relatar que não possuía uma beleza tão chamativa como de sua irmã Elinor, ela possuía um charme natural que fazia com que as pessoas lhe dessem atenção. Além do senso de estilo “que era um ativo sem preço e que se tornou a sua vida inteira.”⁴⁴ Foi então que ela deixou os designs de roupas de boneca para trás e começou a vestir jovens mulheres - começando por ela e sua irmã - sem imaginar o legado que deixaria. Em sua autobiografia, Lucy comenta que levava em consideração o corpo e a personalidade da mulher a qual ela vestia. Ela pesquisava e buscava adequar os tecidos e cores de forma que fizesse jus ao corpo da mulher e sua personalidade.

Apesar de seus noivados fracassados, a jovem se apaixonou pela primeira vez aos seus 18 anos, o que também não teve nenhum futuro e ela saiu com o coração partido. Lucy, no entanto, era uma pessoa extremamente orgulhosa. O que a levou à um casamento repentino - e contra todos os conselhos alheios - com James Wallace⁴⁵ quando ela tinha 21 anos.

O casamento de Lucy com James foi de extrema infelicidade para a jovem. E como vimos anteriormente não havia nada que a mulher pudesse fazer na época para simplesmente sair de um casamento onde ela não sentia nem amor ou felicidade. Como a própria relata “o código daquela época fazia com que fosse praticamente impossível para que uma mulher fizesse algo além de aceitar o casamento infeliz, caso ela tivesse o azar de estar em um.”⁴⁶ Uma das poucas

⁴⁴ DUFF-GORDON, L. *“A Woman Of Temperament”*. Attica Books, Edição 2012. [E-Book]. Location 268

⁴⁵ James Wallace era conhecido por seu alcoolismo e por ser mulherengo e deixou Lucy alguns anos depois. ABRAMS, M. “Lady Duff Gordon: fashion’s forgotten grande dame”. 2011. Disponível em: <<http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG8328862/Lady-Duff-Gordon-fashions-forgotten-grande-dame.html>> Acesso em: 12 maio 2019.

⁴⁶ DUFF-GORDON, L. op.cit., Location 305

coisas que traziam felicidade à Lucile na época era a arte de criar e confeccionar roupas. Apesar de possuir dinheiro para comprar vestidos prontos, ela insistia em fazê-los ela mesma.

Mais tarde, quando descobriu que estava grávida em 1885, Lucy, que era uma mulher vaidosa e amava se vestir bem, ficou extremamente receosa de perder sua beleza. Para compensar essa perda temporária que ela estava certa de que sofreria, começou a se empenhar ainda mais em criar os vestidos mais bonitos que pudesse além de dar atenção à outros hobbies que possuía como a música.

Cinco anos mais tarde em 1890, Lucy começou um processo de separação⁴⁷ do seu marido - que a deixou por outra mulher. Foi neste momento que, para sustentar a si mesma e sua filha Esme, a moda passou de um hobby para a fonte de renda principal dela. Enquanto estava criando um vestido para sua filha ela teve um flash de inspiração de que “o que quer que ela pudesse ou não fazer, podia fazer roupas, seria estilista.”⁴⁸ Assim nascia oficialmente a marca Lucile e também o império de uma das mulheres mais bem sucedidas em negócios na época.

A marca começou de maneira simples, sendo Lucy sua proprietária e única costureira. Seus trabalhos começaram criando vestidos para chás da tarde com clientes como Mrs. Arthur Brand⁴⁹ em Londres e logo no ano de 1894 em West End, no quarto da própria Lucy Christiana era inaugurado o primeiro ateliê de uma das primeiras marcas de moda a se espalhar mundialmente.

Os pedidos começaram a chegar cada vez mais para a nova estilista e várias mulheres que estiveram no mesmo chá que Brand, solicitaram modelos exclusivos de Lucile. Uma das principais preocupações da estilista neste momento e que a seguiu por sua carreira, era pensar no que seria melhor para a mulher:

Eu estudei o tipo de cada uma e desenhei um vestido que eu achei que iria harmonizar com sua individualidade, e elas ficavam imensamente intrigadas em se redescobrir aos meus olhos. Eu acho que muitos estilistas mais antigos estão muito inclinados em transformar seus modelos em algo “em

⁴⁷ Separação que só foi ocasionou em divórcio três anos depois, em 1893 (tendo em vista o quão difícil era para uma mulher se divorciar na época). *Lucile, fashion designer: papers, 1890-1933*. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0012/250122/lucile_aad-2008-06_20140723.pdf> Acesso em: 14 maio 2019

⁴⁸ DUFF-GORDON, L. “A Woman Of Temperament”. Attica Books, Edição 2012. [E-Book]. *Location* 460.

⁴⁹ DUFF-GORDON, L. op.ct, [E-Book] *Location* 466.

massa, apesar das necessidades especiais das mulheres que irão usá-los, então lhes falta personalidade e interesse. Eu sempre vi a mulher, não o vestido separado dela, então as mulheres amavam minhas roupas, porque as mulheres são acima de todas as coisas, pessoais em cada pensamento e ação. (DUFF GORDON, 1932)

Após seis meses da marca, havia dinheiro o bastante para contratar as primeiras 4 funcionárias da marca. Com mais tempo para criar ao invés de confeccionar, assim ela começou a criar mais modelos únicos e suas clientes poderiam “escolher seus vestidos através de desenhos que jamais seriam confeccionados para outra mulher.”⁵⁰

Fotografia 13: Manequim usa vestido de duas peças confeccionado por Lady Duff Gordon, dona da maison Lucile (Inglaterra, 1905)



Fonte: Victoria and Albert Museum

Disponível em: <<http://collections.vam.ac.uk/item/O164353/carresaute-evening-dress-lucile/>>

Acesso em: 20 maio 2019

⁵⁰ DUFF-GORDON, L. “*A Woman Of Temperament*”. Attica Books, Edição 2012. [E-Book] Location 497

Conforme os negócios iam crescendo um segundo ateliê foi necessário. O novo endereço ficava na Hanover Square e foi inaugurado em 1897⁵¹ e mais responsabilidades financeiras, não apenas criativas, caíam sobre Lucy. Então ela resolveu transformar seus negócios na companhia 'Lucile Ltd' e contratou Sir Cosmo Duff Gordon e Mr. Miles da firma Jocelyn, Miles & Blow⁵² para cuidar das partes financeiras de seu império. Três anos depois, ela se casou com Cosmo Duff Gordon mas manteve a Maison Lucile - que se expandiria ainda mais.

Fotografia 14: Manequim usa vestido de cetim confeccionado por Lady Duff Gordon em 1913 (Inglaterra)



Fonte: Victoria and Albert Museum

Disponível em: <<http://collections.vam.ac.uk/item/O74941/evening-dress-lucile/>> Acesso em: 20 maio 2019

A moda pensada por Lucy começou a ganhar espaço no mercado internacional da moda no começo do século XX e a estilista abriu maisons nos

⁵¹ *Lucile, fashion designer: papers, 1890-1933*. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0012/250122/lucile_aad-2008-06_20140723.pdf> Acesso em: 14 maio 2019

⁵² DUFF-GORDON, L. "A Woman Of Temperament". Attica Books, Edição 2012. [E-Book] *Location* 656

Estados Unidos (New York em 1911⁵³ e em Chicago em 1915) e na França (Paris em 1912). Porém com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, as finanças de Lucile começavam a não ir tão bem e “suas roupas eram associadas com o romance pré primeira guerra”⁵⁴ o que não cabia mais no que o mundo estava vivenciando na época. Em 1923, a maison Lucile foi à falência mas o legado prevaleceu.

Fotografia 15: Manequim veste peças confeccionadas pela Maison Lucile em 1915, na Inglaterra. A peça mostra grande influência do militarismo da Primeira Guerra Mundial.



Fonte: Victoria and Albert Museum

Disponível em: <<http://collections.vam.ac.uk/item/O358760/walking-costume-lucile/>>

Acesso em: 20 maio 2019

Lady Duff Gordon foi uma pioneira em muitos sentidos. Além de ter sido uma das primeiras mulheres a obter reconhecimento e sucesso internacional no mundo

⁵³ Foi indo à maison Lucile localizada em New York que em 1912 Lucy e seu marido Cosmo viajaram à bordo do Titanic, que naufragou e ambos sobreviveram escapando em um bote com membros da tripulação. ABRAMS, M. “Lady Duff Gordon: fashion’s forgotten grande dame”. 2011. Disponível em: <<http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG8328862/Lady-Duff-Gordon-fashions-forgotten-grande-dame.html>> Acesso em: 12 maio 2019

⁵⁴ Fala de Kerry Taylor. ABRAMS, M. “Lady Duff Gordon: fashion’s forgotten grande dame”. 2011. Disponível em: <<http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG8328862/Lady-Duff-Gordon-fashions-forgotten-grande-dame.html>> Acesso em: 12 maio 2019

da moda, ela foi a primeira pessoa a pensar em realizar desfiles de passarela com modelos profissionais⁵⁵. A primeira pessoa a ousar em criar modelos alternativos para o espartilho. Sendo considerada por muitos como “ousada”⁵⁶.

Eu tinha uma mensagem para as mulheres que eu vestia. Eu era a primeira estilista à trazer alegria e romance às roupas, eu era pioneira. Eu me joguei sobre uma Londres assustada, uma Londres de roupas íntimas de flanela, meias de lã e saiotes volumosos, uma cascata de chiffon, cortinas tão amáveis como aquelas da Grécia Antiga, seios suavemente arredondados (eu trouxe o sutiã em oposição aqueles terríveis espartilhos da época, que estavam distorcendo a figura da mulher) [...] Acidentalmente eu fiz história como estilista até onde sei. A evolução do manequim veio à tona na minha sala cinza na Hanover Square (DUFF GORDON, 1932)

Sua ousadia em criar, em ser uma mulher de negócios de sucesso internacional por muitos anos, por moldar a moda às necessidades da mulher, é algo que influenciou estilistas que vieram depois dela. Muitos estilistas, como o famoso Ralph Lauren, seguiram algumas das filosofias deixadas por Lady Duff Gordon - ainda que esta tenha sido apagada pela história. A estilista que veremos à seguir pode ser considerada como a sucessora de Lucy. Apesar de ideias criativas diferentes da estilista inglesa, a francesa Coco Chanel também era uma mulher que pensava a roupa principalmente para o corpo feminino. Outra mulher que ousou arriscar e revolucionar a moda, deixando seu legado vivo mesmo 100 anos depois.

⁵⁵ *Lucile, fashion designer: papers, 1890-1933*. Disponível em:
<http://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0012/250122/lucile_aad-2008-06_20140723.pdf>
Acesso em: 14 maio 2019

⁵⁶ DUFF-GORDON, L. “*A Woman Of Temperament*”. Attica Books, Edição 2012. [E-Book] *Location 793*

3.2 “Chanel”: A estilista francesa que deu novo sentido ao que era entendido por feminilidade

Gabrielle Bonheur Chanel nasceu em dezanove de agosto de 1883 em um lar pobre em Saumur, na França. Filha de um pai ausente, comerciante de roupas e de uma mãe que faleceu em 1895 – quando Gabrielle tinha apenas 12 anos -, ela passou a maior parte de sua adolescência residindo em um orfanato junto com sua irmã Julia-Berthe, onde ambas foram deixadas por seu pai após a morte de sua mãe.

Envergonhada com sua própria vida, após deixar o orfanato aos 18 anos, Gabrielle inventava histórias sobre seu passado – de forma a deixá-lo mais interessante. Dessa forma, muitos relatos sobre a vida da estilista, podem não ser verdadeiros. Nem mesmo sua idade, pois ela tinha o costume de mentir sobre a mesma.

Em sua juventude, ela passa a morar no Institut Notre-Dame de Moulins, onde não só aperfeiçoa seu talento na costura como reencontra sua tia Adrienne. Ambas com desejo de deixar a vida de pobreza para trás, em 1903, são enviadas pelas freiras do Institut à Maison Grampayre. Era ali, que Chanel começa a desenvolver suas primeiras ideias que a imortalizariam.

No entanto, ainda em busca de independência financeira, Gabrielle passa a se apresentar no La Rotonde – um café com apresentações musicais. Ali é, aparentemente, também onde nasce o apelido pelo qual ela passaria a usar como nome artístico. Há controvérsias sobre a origem do nome ‘Coco’ que ela veio à adotar. Alguns pesquisadores dizem que o apelido vem com a estilista desde a sua infância, outros dizem que o apelido foi dado à ela por oficiais que frequentavam o café onde ela costumava performar a música ‘Qui qu’a vu Coco dans l’Trocadéro’. Porém, é no La Rotonde que Coco Chanel conhece Etienne Balsan, um herdeiro de uma fábrica de tecidos que insere a futura estilista na classe alta.

No ano de 1909, Coco Chanel conhece o milionário Arthur Capel – que é dito como o grande amor da vida da estilista. Capel a ajudou à abrir sua primeira loja de chapéus, e logo o nome dela passa a ser reconhecido pela França e ela passa a

aparecer nas revistas de moda mais famosas de Paris – que antes da Primeira Guerra Mundial, era a capital de moda e cultura do mundo.

Fotografia 16: Coco Chanel usando um chapéu confeccionado por ela mesma em 1912.



Fonte: Internet Stones

Disponível em: <<https://www.internetstones.com/chanel-cuff-bracelet-gabrielle-cocol-fine-jewelry-artistic-collection-haute couture-accessories.html>> Acesso em: 22 maio 2019

No ano de 1915, um ano após o início da primeira grande guerra e com o nome já consolidado na indústria da indumentária, Chanel deixa de fabricar exclusivamente chapéus e entra para o mundo da alta-costura, abrindo uma loja em Biarritz na França. Ela usava a si mesma como modelo para as roupas que confeccionava e buscava acima de tudo desenhar roupas que respeitassem a

silhueta da mulher e que também a permitisse ter mais liberdade de movimento, como ela mesma disse que “quis dar à elas (mulheres) roupas com as quais pudesse dirigir; ao mesmo tempo, queria dar roupas que ressaltassem sua feminilidade, que fluíssem com o corpo”.⁵⁷

Gabrielle, no entanto escolheu um período complicado para lançar sua carreira na moda. Os tecidos estavam escassos e buscando não precisarem fechar suas maisons, alguns estilistas europeus se uniram à Paul Poiret. O que não foi a mesma decisão de Chanel. O motivo deve-se ao fato de que ela não aprovava a forma que Poiret e seus companheiros pensavam a moda para a mulher. As roupas produzidas por eles não davam liberdade nem conforto ao corpo feminino e “Chanel era uma crítica ferrenha ao senso de estilo dramático e elaborado de Poiret. Ela usava suas roupas como exemplo do que não devia fazer.”⁵⁸ Coco Chanel queria buscar um equilíbrio entre o conforto das roupas masculinas e a feminilidade que as mulheres buscavam sem precisar recorrer aos espartilhos e amarras usadas anteriormente.

Foram poucas as mulheres que na era pré Chanel ousou utilizar aspectos do guarda roupa masculino como ela o fez. Sua busca pelo conforto e mobilidade visada principalmente para a mulher, fez com que a estilista observasse o guarda-roupa leve e simples masculino e o adaptasse para o feminino.

Apesar de sempre ter pensado na moda de forma que beneficiasse a mulher, Coco era criticada por seu temperamento forte, rebelde e por não possuir problemas em usufruir do dinheiro de seus amantes – ainda que ela devolvesse - para ajudar em seus negócios. O comportamento da estilista não era nada parecido com o que era o estereótipo da mulher da época. No entanto, a personalidade da estilista encantava a geração de mulheres modernas – e encanta até hoje.

Após o fim da Primeira Guerra e da morte trágica de Arthur Capel– com quem ficou por 10 anos - a estilista passou por um forte período de depressão que resultou na sua mais famosa e aclamada peça: o *little black dress*. A ideia da peça era fazer algo simples que mesmo as mulheres que não possuíssem tanto poder aquisitivo pudessem possuir e se sentir elegantes e confortáveis nas mais diversas ocasiões.

⁵⁷ PALOMO-LOVINSKI, N. Coco Chanel In: PALOMO-LOVINSKI; N. Os Estilistas de Moda Mais Influentes do Mundo. SP. Editora Girassol. 2010. p 34

⁵⁸ Ibidem, p. 33

Uma adaptação do vestido foi popularizada por Audrey Hepburn na década de 60, no entanto, foi criado por Chanel na década de 20.

Fotografia 17: Manequim usa o primeiro modelo de 'little black dress', criado por Chanel nos anos 20.



Fonte: Met Museum

Disponível em: <<https://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/1984.28a-c/>> Acesso em: 22 maio 2019

Nesta mesma década o nome da estilista era conhecido ao redor do mundo inteiro. Atrizes hollywoodianas queriam usar um vestido assinado por ela em tapetes

vermelhos de grandes premiações. O nome Chanel virou sinônimo de elegância e praticidade.

Fotografia 18: Manequim veste terno de 2 peças. Exemplo clássico de como Coco Chanel buscava o equilíbrio entre conforto, praticidade, belo e feminino.



Fonte: Met Museum

Disponível em:

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/81481?&searchField=All&sortBy=Relevance&deptids=8&when=A.D.+1900-present&ft=House+of+Chanel&offset=220&rpp=20&pos=231> Acesso em 22 maio de 2019

Coco Chanel continuou com suas criações e desenvolvendo peças que respeitassem a silhueta da mulher até 1939, quando a França entra oficialmente na Segunda Guerra Mundial. A maison Chanel ficou fechada por muitos anos e seu retorno aconteceu apenas em 1954. Com muitas controvérsias sobre seu modo de vida durante a segunda guerra mundial – quando ela se envolveu romanticamente com um soldado nazista que residia na França – a estilista conseguiu retornar e

reclamar o seu nome com o intuito de atender as necessidades da mulher da década de 50. É nesta década que Chanel introduz sua famosa peça, o *tailleur*.

Fotografia 19: Manequim usa tailleur confeccionado por Chanel de 1954 , ano que a estilista reabriu suas maisons.



Fonte: Met Museum

Disponível em:

<https://www.metmuseum.org/art/collection/search/83560?&searchField=All&sortBy=Relevanc&deptids=8&when=A.D.+1900-present&ft=House+of+Chanel&offset=260&rpp=20&pos=278> Acesso em: 22 maio de 2019

Um dos principais motivos para a volta da estilista em 1954 é extremamente característico tanto de sua personalidade decidida quanto a missão que ela tinha de fazer roupas que fossem confortáveis à mulher. Esse fator foi o estilista Christian Dior, que estava desenvolvendo roupas que traziam a volta do espartilho e do desconforto da mulher, novamente prisioneira pelas próprias roupas. A estilista então “resolveu sair de sua aposentadoria aos 70 anos para dar uma alternativa às mulheres”.⁵⁹ Era mais uma vez a prova de que a estilista era de fato uma revolucionária.

Desta vez, a revolução durou apenas dezessete anos. Pois no dia 10 de janeiro de 1971, Coco Chanel veio a falecer no Hotel Ritz após sofrer um ataque cardíaco. Seu legado, no entanto, permanece até hoje. A marca Chanel foi assumida em 1983 pelo estilista Karl Lagerfeld⁶⁰. No entanto, o legado da estilista ultrapassa o seu próprio nome e sua marca. Um guarda-roupa feminino que possui um terninho, ou uma bolsa de mão, possui a alma de Chanel. A moda, em si, não estaria onde está se não fosse pela ousadia de uma mulher nascida em uma pobre cidade na França em 1883. O seu legado, é que a mulher não precisa mais decidir entre estar confortável, livre e bela. Que ela pode ser os três ao mesmo tempo e permanecer elegante.

⁵⁹ PALOMO-LOVINSKI, N. Coco Chanel In: PALOMO-LOVINSKI; N. Os Estilistas de Moda Mais Influentes do Mundo. SP. Editora Girassol. 2010. p. 34

⁶⁰ Karl assumiu a marca Chanel até 2019, quando veio à falecer.

CONCLUSÃO

No trabalho aqui apresentado podemos ver de que formas o papel da mulher na sociedade passou a sofrer mudanças no período do século XIX e início do século XX na Europa. É neste ponto da história que grupos de mulheres se reúnem e se posicionam de maneira política, econômica e social em busca de igualdade entre os gêneros.

Nosso principal objetivo era compreender aqui de que forma a moda se posicionou durante um período repleto de mudanças para a vida da mulher. De que forma a indumentária veio a se moldar para atender às necessidades do público feminino em busca desta liberdade almejada pelas mulheres europeias da época. Como a roupa pode ser atrelada à construção de identidade da mulher daquele tempo.

Para isso, precisamos primeiro compreender quais foram essas transformações ocorrentes naquele período. A primeira delas foi a forma como a mulher era vista na sociedade. Sempre vista como uma figura dependente do homem e sem identidade própria, tendo em vista que uma de suas principais funções era cuidar da casa, do marido e dos filhos que o casal pudesse ter. Neste tempo, a moda apresentava externamente o papel desta mulher caseira. Onde suas vestes refletiam quanto dinheiro sua família possuía e quando ela se casava, seus adornos eram atrelados aos bens de seu marido - não ao que ela tinha ou era.

A primeiro momento, pudemos ver que a moda não acompanhava essa necessidade de liberdade da mulher, essa busca por igualdade. A indumentária continuava desconfortável e sendo vendida daquele jeito como o conceito do que era belo e feminino. Podemos também levar em consideração que grandes estilistas da segunda metade do século XIX, eram homens - por influência de Charles Frederick Worth, o pai da alta costura. Homens estes que não respeitavam a anatomia do corpo feminino, apenas usavam a mulher como uma exibição do que era atrativo ao homem da época.

Um dos primeiros passos que a moda deu em direção ao conforto que sempre fora oferecido aos homens, foram os ternos bloomer que foram desenvolvidos para passeios com maior necessidade de movimento como andar de

bicicleta por exemplo. No entanto a alta crítica ao terno e a falta de feminilidade que viam nele, fez com que ele sofresse alta represália da sociedade que afirmava que este roubava a feminilidade da mulher. Sociedade esta que vivia sob a moda de Worth considerando aquilo como o verdadeiro significado de feminino.

Porém com o passar dos anos, como pudemos ver, foram duas mulheres estilistas que viriam a ousar dar a liberdade através da roupa que muitas mulheres buscavam: Lucile Duff Gordon e Gabrielle 'Coco' Chanel.

Lucile foi a primeira mulher extremamente bem-sucedida do mundo da moda - este que estava cada vez mais tomado por homens - e teve maisons em três países diferentes, transformando seu pensamento para a moda em algo de escala mundial. Lady Duff Gordon, como ficou conhecida mundialmente, não apenas pensava no conforto e feminilidade da peça, ela buscava que cada uma de suas peças fossem únicas, que cada uma representasse a identidade de sua cliente. Ela usufruía de grande variedade de cores e tecidos ao mesmo tempo que deixava a silhueta mais livre. Era o romantismo da indumentária da época se moldando ao corpo da mulher e não mais o contrário.

Porém, com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, os tecidos românticos e suas cores alegres não mais condiziam com as novas funções da mulher - estas que foram trabalhar em fábricas, escritórios e hospitais enquanto seus maridos estavam lutando na guerra. Neste momento foi quando Coco Chanel que já estava ficando conhecida por fabricar chapéus, começou a moldar a moda à necessidade da mulher.

A importância de Chanel para a moda de forma geral é algo de grande impacto até nos dias atuais. A francesa se apropriou do conforto e da modelagem do guarda roupa feminino e deu às mulheres estes mesmos atributos. Para Chanel, a mulher devia se sentir confortável e livre em suas roupas - desta forma ela era uma crítica ao uso do espartilho e uma das pessoas cruciais para que ele deixasse de vez de ser peça fundamental de vestimenta da mulher. Esta foi a primeira e também uma das últimas lutas da estilista, que após uma aposentadoria na década de 40, retornou em 1954 apenas para impedir a volta do espartilho. Este que era pregado pelo estilista Christian Dior como uma recuperação da feminilidade feminina.

Desta forma, podemos concluir que alguns estilistas como Amelia Bloomer, buscaram acompanhar os processos de liberdade da mulher, liberando-as principalmente de roupas desconfortáveis como o espartilho e armações que não permitiam que a mulher se locomovesse de maneira mais solta e livre. A feminilidade na época ainda era atrelada à visão do homem do que era belo e bem visto na mulher – um exemplo é de que o maior estilista do século XIX e que moldou a silhueta do século, era um homem, Charles Frederick Worth.

Porém com a virada do século e por estilistas da alta costura como Duff Gordon e Chanel terem resolvido abraçar a causa do liberalismo feminino, assim, essa mudança foi possível. Quando grandes estilistas da alta costura se empenharam em mudar a moda, foi só assim que ela realmente mudou. Para a época, podemos dizer que sim, a moda condizia com essa nova mulher do século. Mas foi um longo processo para que isso ocorresse – partindo do princípio de que o movimento sufragista teve seu início nos anos de 1860, por exemplo.

O que era considerado feminino sobre roupa anteriormente não era mais a realidade ao fim dos processos de libertação da mulher. A mulher precisava de roupas que acompanhassem seus direitos trabalhistas, seus direitos como cidadã e mais importante, que as respeitasse. Desta forma, a moda faz parte de um processo de transformação que segue como legado até hoje.

Estilistas como Amelia Bloomer, Lady Duff Gordon e Coco Chanel foram mulheres que ousaram dar à outras mulheres uma forma de liberdade que ultrapassava os limites estéticos. A moda não se trata apenas do que é belo. Ela é a forma como você se mostra socialmente, como muitas vezes é possível contar um pouco de sua história, como você pode externalizar seu estilo de vida. Hoje, se nos locomovemos de maneira mais fácil sem ficarmos presas ou até mesmo sem conseguir respirar dentro de nossas roupas, é necessário pensar no momento que a moda buscou seguir os processos de liberdade pelos quais a mulher passou. Moda não é apenas estética, a moda atual conta nossa história. Moda é identidade social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1857 – MATRIMONIAL CAUSES ACT 1857. Population Europe Resource Finder & Archive. Disponível em: <<https://www.perfar.eu/policies/matrimonial-causes-act-1857>> Acesso em 15 abr. 2019

1870: 33 & 34 VICTORIA C.93: MARRIED WOMEN'S PROPERTY ACT. The Statues Project. Disponível em: <<http://statutes.org.uk/site/the-statutes/nineteenth-century/1870-33-34-victoria-c-93-married-womens-property-act/>> Acesso em: 10 jun 2018

1897 FOUNDATION OF THE NATIONAL UNION OF WOMEN'S SUFFRAGE SOCIETY. Disponível em: <<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/evolutionofparliament/2015-parliament-in-the-making/get-involved1/2015-banners-exhibition/alinah-azadeh/1897-founding-of-the-nuwss-gallery/>> Acesso em: 15 abr. 2019

ABRAMS, M. Lady Duff Gordon: fashion's forgotten grande dame. 2011. Disponível em: <<http://fashion.telegraph.co.uk/news-features/TMG8328862/Lady-Duff-Gordon-fashions-forgotten-grande-dame.html>> Acesso em: 23 abr. 2019

BONATO, J. **Um estudo sobre a relação entre o costureiro artista Paul Poiret, a moda e a arte.** [S.l.:s.n], 2017. p. 3

CAWTHRA, L. Men's League for Opposing Woman Suffrage. Disponível em: <<https://www.wcml.org.uk/blogs/Lynette-Cawthra/Mens-League-for-Opposing-Woman-Suffrage/>> Acesso em: 16 abr. 2019

COMO AS MULHERES CONSEGUIRAM O DIREITO AO VOTO. Guia do Estudante, 2016. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/como-as-mulheres-conseguiram-o-direito-ao-voto/>> Acesso em: 17 abr. 2019

CONLIFFE, C. Queen Christina of Sweden, Lesbian Troublemaker. Disponível em: <<https://www.headstuff.org/culture/history/queen-christina-of-sweden-lesbian-troublemaker/>> Acesso em: 21 maio 2018

CORDEIRO, M. **Galeno: o médico e filósofo cujas ideias resistiram mil e quinhentos anos.** In: **Príncipes da Medicina.** [S.l.], Saída de Emergência, 2016. Páginas 31-36.

CULBERTSON, K. Elizabeth I: The Most Elusive Bride in History. Disponível em: <https://history.hanover.edu/hhr/94/hhr94_2.html> Acesso em: 16 maio 2018

DEBOM, P. **Worth, o precursor da alta-costura.** [S.l.:s.n], 2017. Págs 85 e 86.

DEMOCRATIZAÇÃO DA MODA: O ADVENTO DO PRÉT-A-PORTER. PUC, 2003. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4747/4747_5.PDF> Acesso em: 22 abr. 2019

DOEPLE, M; TERTILT, M; VOENA, A. **The Economic and Politics od Women's Rights**. Cambridge, [s.n], 2011

DUARTE, P. Millicent Garret Fawcett: Writing in the Defence of Women's Emancipation. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3497/1/0873-0628_2008-026_00245-00254.pdf> Acesso em: 15 abr 2019

DUFF-GORDON,L. **A Woman Of Temperament**. [S.l.], Attica Books,Edição 2012. [E-Book]

ELIZABETH SMITH MILLER. National Park Service, 2015. Disponível em: <<https://www.nps.gov/wori/learn/historyculture/elizabeth-smith-miller.htm>> Acesso em: 19 abr. 2019

FABIAN, J. Lydia Becker. Wonder Women, 2018. Disponível em: <<https://mmwonderwomen.wordpress.com/2018/03/09/lydia-becker/>> Acesso em: 15 abr. 2019

FACIO, A. What Is Patriarchy. 2013. Disponível em: <<http://learnwhr.org/wp-content/uploads/D-Facio-What-is-Patriarchy.pdf>> Acesso em: 21 maio 2018

FLESTED-JENSEN, P; NIELSEN, T; RUBINSTEIN, L. POLIS AND POLITICS: Studies in Ancient History. Copenhagen, [s.n], 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/259905202_Polis_and_Politics_Studies_in_Ancient_Greek_History_presented_to_Mogens_Herman_Hansen_on_his_Sixtieth_Birthday_August_20_2000_by_P_Flensted-Jensen_Thomas_Heine_Nielsen_Lene_Rubinstein> Acesso em 10 jun. 2018

FOGG, M. **Tudo Sobre Moda**. Tradução: Débora Chaves, Fernanda Abreu, Ivo Korytowski. Rio de Janeiro. Sextante. 2013.

GABRIELLE, C; RODRIGO, M. Indústria Criativa x Economia Criativa: Qual a diferença?. UNESP. 2017. Disponível em: <<https://www2.faac.unesp.br/lecotec/projetos/oicriativas/index.php/2017/06/19/industria-criativa-x-economia-criativa-qual-a-diferenca/>> Acesso em: 15 jun. 2018

GRIFFITHS, J. Anti-Suffrage: the british women who didn't want the vote. 2015. Disponível em: <<https://www.historyanswers.co.uk/people-politics/anti-suffrage-the-british-women-who-didnt-want-the-vote/>> Acesso em: 16 abr 2019

HALL, S. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 11 Ed. DP&A Editora, 1992. p. 10 e 11

HISTÓRIA DAS OLIMPIADAS. Disponível em: <<http://www.pbclasalle.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/23/1870/50/arquivos/File/historia-das-olimpiadas.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019

LE CORSET “INÈS GACHES-SAURRAUTE. 2013. Disponível em: <<http://croquelaviepeggy.canalblog.com/archives/2013/03/03/26558889.html>> Acesso em: 23 abr. 2019

LUCILE, FASHION DESIGNER: PAPERS 1890 – 1933. Disponível em: <http://www.vam.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0012/250122/lucile_aad-2008-06_20140723.pdf> Acesso em: 14 maio 2019

MAHE, Y. History of Jacques Doucet. 2011. Disponível em: <<http://www.fashionintime.org/history-jacques-doucet/>> Acesso em: 23 abr. 2019

MARRIED WOMEN'S PROPERTY ACTS LAW AND LEGAL DEFINITION. Disponível em: <<https://definitions.uslegal.com/m/married-womens-property-acts/>> Acesso em: 16 abr 2019

MATRIMONIAL CAUSES LAW AND LEGAL DEFINITION. UsLegal. Disponível em: <<https://definitions.uslegal.com/m/matrimonial-causes/>> Acesso em: 15 abr. 2019

MATTHEW PARKER: ARCHBISHOP OF CANTERBURY. Encyclopedia Britannica, 1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Matthew-Parker>> Acesso em: 15 abr. 2019

MONTELEONE, J. **O circuito das roupas: A corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840 - 1889)**. São Paulo. [s.n], 2013. p. 172 - 174

MURRAY, J. The English-Language Military Historiography of Gustavus Adolphus in the Thirty Years' War, 1900-Present. Western Illinois Historical Review, Vol. V, 2013. Disponível em: <<http://www.wiu.edu/cas/history/wihr/pdfs/Murray-Military%20HistoriographyVol5.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2019

KARBO, K. **O Evangelho de Coco Chanel**. Seoman, 2010.

PALOMO-LOVINSKI, N. **Os Estilistas de Moda Mais Influentes do Mundo**. SP. Editora Girassol. 2010.

PORFÍRIO, F. Aristóteles. Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/aristoteles.htm>> Acesso em: 15 abr. 2019

ROSEN, A. Rise Up Women! The Militant Campaign of the Women's Social and Political Union, 1903-1914. 1974. apoud What did the Suffragettes Do. Disponível em: <https://www.johndclare.net/Women1_SuffragetteActions_Rosen.html> Acesso em: 16 abr. 2019

SANTOS, L; ARAUJO, R. História Econômica Geral e do Brasil: A revolução industrial. Disponível em:

<http://www.cesadufs.com.br/ORBI/public/uploadCatalago/10264518102016Historia_economica_geral_e_do_brasil_Aula_03.pdf> Acesso em: 15 abr 2019

SILVA, D. O que foi o Período Pré-homérico?; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-periodo-pre-homerico.htm>> Acesso em: 15 abr. 2019

SOPHIE MCGEEVOR, BA, M.PHIL. The Cambridge Group for the History of Population and Social Sstructure, 2013. Disponível em: <<https://www.campop.geog.cam.ac.uk/people/mcgeevor/>> Acesso em 15 abr. 2019
TOWNS, A. The Status Of Women as a Standard of 'Civilization'. Delaware, [s.n], 2009. 681 – 706 p.

XIMENES, Maria Alice. **A Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX**. São Paulo. Estação das Letras e Cores, 2011.

WASCHBURGER, E. Rainha Elizabeth da Inglaterra: Representações em obras cinematográficas. Disponível em: <http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503874588_ARQUIVO_ELEN_WASCHBURGER.pdf> Acesso em: 15 abr. 2019